

**MULHERES
E PODER**
UM MANIFESTO
**MARY
BEARD**

BEST-SELLER NOS ESTADOS UNIDOS E INGLATERRA

CRÍTICA



**MULHERES
E PODER
UM MANIFESTO
MARY
BEARD**

Tradução
Celina Portocarrero

CRÍTICA

Copyright © Mary Beard Publications, 2017
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.

Preparação: Thaís Rimkus *Revisão:* Isabel Cury e Eliana Rocha *Diagramação:* Vivian Oliveira *Capa:* Tereza Bettinardi *Adaptação para eBook:* Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Beard, Mary

Mulheres e poder : um manifesto / Mary Beard ; tradução de Celina Portocarrero. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2018.
128 p.

ISBN: 978-85-422-1237-2

Título original: Women and Power

1. Mulheres 2. Mulheres - História 3. Feminismo 4. Liderança em mulheres 5. Mulheres na política I. Título II. Portocarrero, Celina

18-0073

CDD 305.409

2018

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar Ed. Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

para Helen Morales

SUMÁRIO

Prefácio

A voz pública das mulheres

Mulheres no poder

Posfácio

Referências e outras leituras

Agradecimentos

Lista de ilustrações

Índice remissivo

PREFÁCIO

Não nos esqueçamos de que as mulheres, no Ocidente, têm muito a celebrar. Minha mãe nasceu antes que as mulheres tivessem direito de voto nas eleições parlamentares da Grã-Bretanha. Viveu para ver uma mulher chegar ao posto de primeira-ministra. Fosse qual fosse sua opinião a respeito de Margaret Thatcher, alegrou-se com o fato de uma mulher ter chegado ao número 10^[1] e orgulhou-se de ter tido sua cota de participação em algumas das revolucionárias mudanças do século xx. Na contramão das gerações anteriores, conseguiu ter uma carreira, um casamento e um bebê (a gravidez da mãe dela, por exemplo, implicou o fim de seu trabalho como professora). Foi uma diretora muitíssimo eficiente de uma grande escola primária em West Midlands. Tenho certeza de que ela foi a personificação do *poder* para gerações de meninas e meninos sob sua responsabilidade.

Mas minha mãe também sabia que nem tudo era tão simples, que a verdadeira igualdade entre mulheres e homens era ainda coisa do futuro e que havia motivos tanto de raiva como de celebração. Ela sempre lamentou não ter cursado universidade

(e, generosa, alegrou-se quando consegui fazer isso). Com frequência, ficava frustrada por não serem levados a sério, como desejaria, seus pontos de vista e suas palavras. E, embora a metáfora da “barreira invisível” a intrigasse, ela tinha plena consciência de que quanto mais subia na hierarquia profissional menos rostos femininos tinha à sua volta.

Minha mãe surgiu muitas vezes em minha mente quando preparei as duas palestras nas quais se baseia este livro, proferidas, numa parceria com o *London Review of Books*, em 2014 e 2017. Eu queria descobrir como explicar a ela – tanto quanto a mim mesma e a milhões de outras mulheres que ainda vivem algumas das mesmas frustrações – até que ponto estão profundamente incorporados à cultura ocidental os mecanismos que silenciam as mulheres, que se recusam a levá-las a sério e que as afastam (às vezes literalmente, como veremos) dos centros de poder. Esse é um dos pontos em que o mundo dos antigos gregos e romanos ajuda a esclarecer o nosso. No que diz respeito a silenciar as mulheres, a cultura ocidental tem milhares de anos de prática.

A VOZ PÚBLICA DAS MULHERES

Quero principiar muito perto do início da tradição da literatura ocidental e do primeiro exemplo registrado de um homem mandando uma mulher “calar a boca” e afirmando que a voz dela não deveria ser ouvida em público. Refiro-me a um momento imortalizado no começo da *Odisseia* de Homero, há quase 3 mil anos. Tendemos, hoje, a pensar na *Odisseia* apenas como a épica história de Ulisses e as aventuras e enrascadas vividas por ele ao voltar para casa depois da Guerra de Troia – enquanto, por décadas, sua esposa Penélope o esperava, leal, repelindo os pretendentes que faziam pressão para se casar com ela. Mas a *Odisseia* é também a história de Telêmaco, filho de Ulisses e Penélope. É a história do seu crescimento e de como, ao longo do texto, ele amadurece, passando de menino a homem. Esse processo surge no primeiro livro do poema, quando Penélope desce de seus aposentos particulares e vai ao grande saguão do palácio, onde um bardo se apresenta perante a multidão de seus pretendentes; ele canta as dificuldades encontradas pelos heróis gregos ao voltar para casa. A música não a agrada, e ela, diante de todos, pede-lhe que escolha outro tema, mais feliz. Nesse momento, intervém o jovem Telêmaco:

— Mãe — diz ele —, volte para seus aposentos e retome seu próprio trabalho, o tear e a roca... Discursos são coisas de homens, de todos os homens, e meu, mais que de qualquer outro, pois meu é o poder nesta casa.

E lá se vai ela, de volta ao andar de cima.

Há algo um tanto ridículo nesse menino recém-saído das

fraldas calando a experiente Penélope, de meia-idade. Mas é uma boa demonstração de que, no ponto em que começam as provas escritas da cultura ocidental, as vozes femininas não eram ouvidas em âmbito público. Mais que isso, na visão de Homero, parte do amadurecimento, no caso do homem, é aprender a assumir o controle do pronunciamento público e silenciar a fêmea da espécie. As próprias palavras ditas por Telêmaco também são significativas. Quando ele diz que “discurso” é “coisa de homem”, a palavra é *muthos*, não no sentido que chegou até nós, de mito. No grego homérico, *muthos* define o discurso público abalizado, não o tipo de conversa, tagarelice ou fofoca a que qualquer pessoa – inclusive as mulheres, ou em especial as mulheres – poderia se dedicar.



1. Neste vaso ateniense do século v a.C., Penélope é vista sentada em seu tear (tecer era o símbolo característico de uma boa dona de casa grega). Telêmaco está de pé diante dela.

O que me interessa é a relação entre esse clássico momento homérico de silenciar uma mulher e alguns dos modos como vozes femininas não são publicamente ouvidas em nossa própria cultura contemporânea e em nossa própria política, das cadeiras do Parlamento ao chão das fábricas. É uma notória surdez, lindamente parodiada numa velha charge de *Punch*: “Excelente sugestão, srta. Triggs. Talvez um dos homens aqui presentes queira executá-la”. Quero refletir sobre como isso pode estar

relacionado com o abuso a que, mesmo agora, são submetidas muitas mulheres que realmente *se manifestam*, e uma das questões que me ocorrem é a conexão entre manifestações públicas a favor de uma imagem feminina numa cédula, ameaças de estupro e decapitação via Twitter e a desqualificação de Penélope por Telêmaco.

Meu objetivo aqui é uma visão de longo alcance, de muito longo alcance, da culturalmente constrangedora relação entre a voz das mulheres e a esfera pública de discursos, debates e comentários – política em seu sentido mais amplo, dos comitês empresariais às sessões no Parlamento. Espero que tal visão de longo alcance nos ajude a ir além do simples diagnóstico de “misoginia” em que, com alguma preguiça, tendemos a reincidir. Tudo bem, “misoginia” é uma maneira de descrever o que está acontecendo. (Se uma mulher vai a um programa de debates na televisão e depois recebe uma série de tuítes comparando sua genitália a um sem-número de desagradáveis vegetais podres, é difícil encontrar palavra mais apropriada.) Mas, se quisermos compreender o fato – e fazer alguma coisa a esse respeito – de que as mulheres, mesmo quando não são silenciadas, ainda pagam um preço muito alto para ser ouvidas, precisamos reconhecer que as coisas são um pouco mais complicadas e que há uma longa história por trás de tudo.



*“Excelente sugestão, srta. Triggs.
Talvez um dos homens aqui presentes queira executá-la.”*

2. Há quase trinta anos, a cartunista Riana Duncan capturou a atmosfera sexista das reuniões de trabalho ou de diretoria. É difícil encontrar uma mulher que tenha aberto a boca numa reunião e não tenha, em algum momento, recebido o “tratamento da srta. Triggs”.

A explosão de Telêmaco foi apenas o primeiro caso numa longa série de amplamente bem-sucedidas tentativas, que se estendem por toda a Antiguidade greco-romana, não apenas de excluir as mulheres do discurso público, mas também de alardear tal exclusão. No início do século iv a.C., por exemplo, Aristófanes dedicou uma comédia inteira à “hilariante” fantasia de que as mulheres deveriam assumir o controle do Estado. Parte da graça era que as mulheres não sabiam falar

adequadamente em público – ou melhor, eram incapazes de adaptar sua linguagem pessoal (que, no caso, era amplamente ligada a sexo) ao sublime idioma da política masculina. No mundo romano, *Metamorfoses* de Ovídio – esse extraordinário épico mitológico sobre pessoas que mudam de forma (e provavelmente a obra literária de maior influência na arte ocidental depois da Bíblia) – volta por diversas vezes à ideia do silenciamento das mulheres no processo de sua transformação. A pobre Io é transformada pelo deus Júpiter numa vaca e, assim, não pode falar, só mugir; enquanto a tagarela ninfa Eco é punida de modo que a própria voz nunca mais seja dela mesma, e sim mero instrumento de repetição das palavras alheias. No famoso quadro de Waterhouse, ela olha para seu adorado Narciso, mas é incapaz de conversar com ele, enquanto ele – o “narcisista” original – se apaixonava pela própria imagem no lago.

Um confiável antologista do século I d.C. conseguiu reunir apenas dois exemplos de “mulheres cuja natureza não era capaz de mantê-las em silêncio no Fórum”. Suas descrições são reveladoras. A primeira, uma mulher chamada Mécia, conseguiu, com sucesso, defender-se nos tribunais e “por ter, na verdade, uma natureza masculina por trás de sua aparência feminina, foi chamada de ‘andrógina’”. A segunda, Afrânia, costumava instaurar pessoalmente processos legais e era “insolente” a ponto de advogar por si mesma, o que fazia com que todos se cansassem de seus “latidos” ou “grunhidos” (ela ainda não tinha direito à “fala” humana). Somos informados de que ela morreu em 48 a.C., porque, “com aberrações antinaturais como essa, é mais importante registrar quando morreram que quando

nasceram”.



3. A tela de David Teniers, do século XVII, retrata o momento em que Júpiter entrega a pobre Io, agora transformada em vaca, a sua esposa Juno – para afastar qualquer suspeita de que seu interesse em Io tivesse sido inadequadamente sexual (quando, é claro, era).

Há apenas duas exceções no mundo clássico para essa abominação do discurso público feminino. Primeiro, as mulheres têm permissão para se manifestar enquanto vítimas ou mártires, em geral para prefaciarem a própria morte. As primeiras mulheres cristãs foram representadas defendendo em voz alta sua fé ao serem jogadas aos leões. E, num célebre caso da história primitiva de Roma, a virtuosa Lucrecia, estuprada por um brutal príncipe da monarquia dominante, recebeu permissão para uma fala, exclusivamente para denunciar o estuprador e

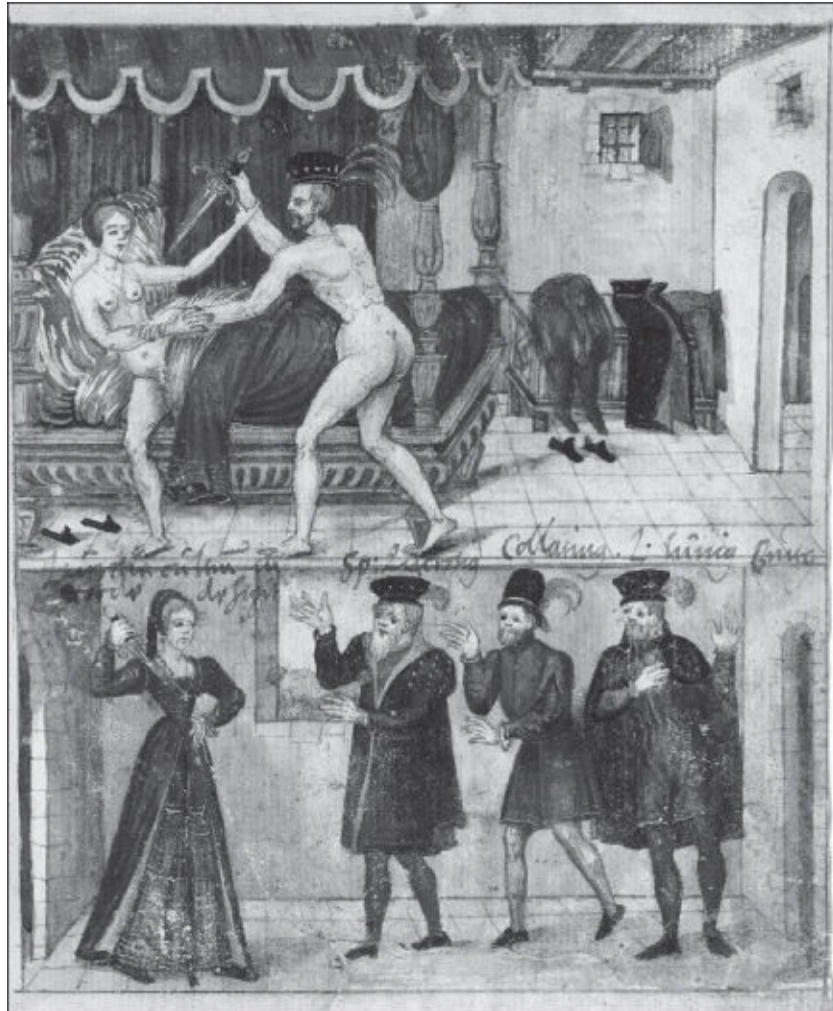
anunciar o próprio suicídio (ou assim narraram os escritores romanos – do que realmente aconteceu, não fazemos ideia). Mas até mesmo essa oportunidade um tanto amarga de fala poderia ser excluída. Um conto em *Metamorfoses* narra o estupro da jovem princesa Filomela. A fim de evitar qualquer denúncia no estilo de Lucrecia, o estuprador simplesmente lhe corta a língua. É uma ideia retomada por Shakespeare em *Tito Andrônico*, texto em que a língua da estuprada Lavínia é também arrancada.



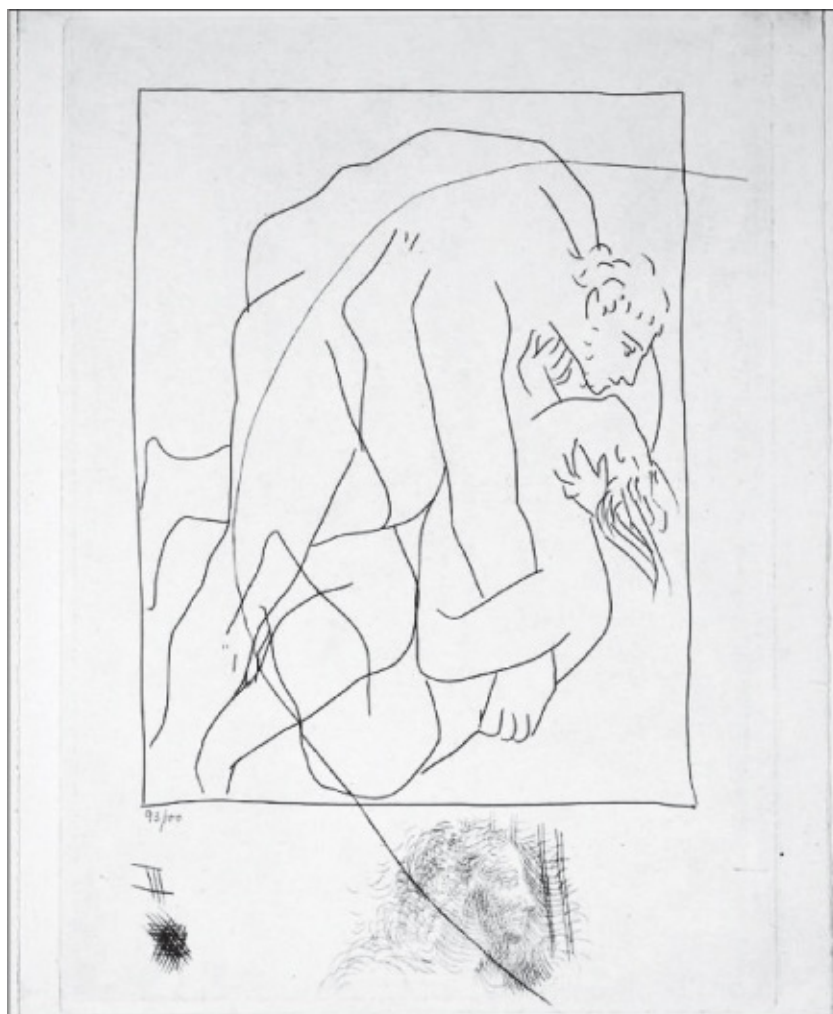
4. Na impressionante versão onírica da cena (pintada em 1903), Eco, seminua, observa, sem palavras, seu “narcisista” preocupado com a própria imagem no lago.

A segunda exceção é mais familiar. Em algumas ocasiões, as mulheres puderam, com legitimidade, se levantar para falar – para defender seu lar, seus filhos, seu marido ou os interesses de outras mulheres. Assim, no terceiro dos três exemplos de oratória feminina discutidos por aquele antologista romano, a mulher, de nome Hortênsia, não é condenada por sua atitude

porque age explicitamente como porta-voz das mulheres de Roma (e apenas das mulheres), depois de terem as mesmas sido sujeitas a um imposto especial sobre a riqueza para financiar um controvertido esforço de guerra. Em outras palavras, as mulheres podem, em circunstâncias extremas, defender publicamente os próprios interesses setoriais, mas não podem falar pelos homens nem pela comunidade como um todo. Em geral, como colocou um guru do século II d.C., “uma mulher deveria, com a mesma modéstia, evitar a exposição de sua voz aos forasteiros tanto quanto teria evitado se despir diante deles”.



5. Este manuscrito do século ^{xvi} traz os dois episódios-chave da história de Lucrecia. No registro superior, Sexto Tarquínio ataca a mulher virtuosa (as roupas dele estão desconcertantemente arrumadas ao lado da cama); no inferior, Lucrecia, em trajes do século ^{xvi}, denuncia o estuprador à família.



6. A versão de Picasso, de 1930, do estupro de Filomela por Tereu.

Há em tudo isso, entretanto, mais do que veem os olhos. Essa “mudez” não é apenas um reflexo do esvaziamento geral do poder feminino em todo o mundo clássico: nenhum direito de voto, independência legal e econômica limitada, e assim por diante. Em parte, sim. Sem dúvida, não se esperava das mulheres antigas que levantassem a voz numa esfera política em que não tinham participação formal alguma. Mas estamos lidando com uma exclusão muito mais ativa e intensa das mulheres do discurso público – e com um impacto muito maior

do que em geral reconhecemos em nossas próprias tradições, convenções e suposições relacionadas à voz feminina. O que quero dizer é que o discurso público e a oratória não eram apenas coisas que as mulheres antigas *não faziam*: eram práticas e habilidades que definiam a masculinidade como gênero. Como vimos com Telêmaco, tornar-se homem (ou pelo menos um homem de elite) era reivindicar o direito de falar. Discursar publicamente era uma – se não *a* – característica que definia a masculinidade. Ou, para citar um famoso chavão romano, o cidadão masculino da elite poderia ser sintetizado como *vir bonus dicendi peritus*, “homem de bem, perito na fala”. Na maioria das circunstâncias, uma mulher que falasse em público não era, por definição, uma mulher.

Encontramos, ao longo de toda a literatura antiga, repetida ênfase dada à autoridade da profunda voz masculina, em contraste com a feminina. Como explicita um antigo tratado científico, uma voz grave revela coragem masculina, uma voz fina indica covardia feminina. Outros autores clássicos insistem em que o tom e o timbre da fala das mulheres sempre ameaçaram subverter não só a voz do orador masculino, mas também a estabilidade social e política e a saúde de todo o Estado. Um conferencista e intelectual do século II d.C., com o revelador nome de Dião Crisóstomo (significando literalmente Dião “Boca de Ouro”), pediu à plateia que imaginasse uma situação em que “toda uma comunidade fosse contaminada pela seguinte estranha enfermidade: todos os homens, de repente, teriam vozes femininas e nenhum varão – criança ou adulto – poderia se expressar de forma masculina. Não pareceria essa a

praga mais terrível e difícil de suportar? Estou certo de que iriam todos a um santuário, consultar os deuses e tentar apaziguar o poder divino com muitas oferendas”. Ele não estava brincando.



7. Hortênsia aparece no compêndio de Boccaccio *Mulheres famosas*. Nesta edição do fim do século ^{xv}, ela é retratada em trajes do século ^{xv}, corajosamente liderando seu séquito do sexo feminino para confrontar as autoridades romanas.

Essa não é a ideologia peculiar de alguma cultura distante. Talvez distante no tempo. Mas quero sublinhar que essa é uma tradição do discurso associado ao gênero – e a teorização do discurso relacionado ao gênero – da qual, direta ou, com mais frequência, indiretamente, somos ainda herdeiros. Não exageremos. A cultura ocidental não deve tudo aos gregos e

romanos, nem em relação à fala nem a qualquer outra coisa (graças aos céus por isso, pois nenhum de nós gostaria de viver num mundo greco-romano). Há em nós todo tipo de influências, diferentes e antagônicas, e nosso sistema político tem alegremente derrubado muitas das certezas de gênero da Antiguidade. Persiste, entretanto, o fato de nossas próprias tradições de debate e discurso público, suas convenções e suas regras, continuarem à sombra do mundo clássico. As modernas técnicas de retórica e persuasão formuladas no Renascimento foram explicitamente recolhidas de antigos discursos e manuais. Nossos próprios termos de análise retórica remontam diretamente a Aristóteles e Cícero (antes da era Donald Trump, era comum salientar que Barack Obama, ou os redatores de seus discursos, aprendera seus melhores truques com Cícero). E aqueles cavaleiros do século XIX que conceberam, ou consagraram, a maioria das regras e dos procedimentos parlamentares na Câmara dos Comuns foram educados exatamente segundo aquelas teorias, chavões e preconceitos por mim citados. Repito, não somos apenas vítimas ou joguetes da herança clássica, mas ela nos forneceu um poderoso gabarito para pensar a respeito do discurso público e decidir o que se define como oratória boa ou ruim, persuasiva ou não, e a qual discurso deve ser dado espaço para ser ouvido. E o gênero é, sem sombra de dúvida, parte importante dessa mistura.

Só é preciso lançar um olhar casual às modernas tradições ocidentais de retórica – pelo menos até o século XX – para

observar que muitos dos temas clássicos que venho destacando emergem diversas vezes. Mulheres que reivindicam voz pública são tratadas como aberrações andróginas, como Mécia, que se defendeu no Fórum – ou aparentemente tratam a si mesmas como tais. Um caso óbvio é a beligerante fala de Elizabeth I às tropas em Tilbury, em 1588, perante a Armada espanhola. Em termos que muitos de nós aprendemos na escola, ela parece sem dúvida confessar a própria androginia:

Sei que tenho o corpo de uma mulher frágil e fraca, mas tenho o coração e as entranhas de um rei – também de um rei da Inglaterra.

Que bizarro slogan para ouvidos de moças. A verdade é que ela talvez jamais tenha dito algo parecido. Não há registro escrito de próprio punho nem pela mão de quem redigia seus discursos, nenhum relatório de testemunha ocular, e a versão canônica vem da carta de um comentarista não confiável, com interesses pessoais, escrita quase quarenta anos depois. Para o propósito aqui, a provável ficcionalidade do discurso torna-o ainda melhor: o interessante é que o homem que escreveu tal carta põe a ostentação (ou a confissão) da androginia na boca da própria Elizabeth.

Olhando de forma mais geral para as modernas tradições da oratória, encontramos as mesmas permissões para que as mulheres falem em público, seja em defesa dos próprios interesses setoriais, seja para exibir sua condição de vítimas. Se pesquisarmos as contribuições femininas incluídas naquelas curiosas coletâneas intituladas “100 grandes discursos da

história” e afins, descobriremos que a maioria dos destaques femininos, de Emmeline Pankhurst à fala de Hillary Clinton sobre mulheres na Conferência Mundial das Nações Unidas, em Pequim, versa sobre o destino feminino. Assim talvez seja também o exemplo de oratória feminina mais incluído em antologias, o discurso de 1851, “Não sou uma mulher?”, de Sojourner Truth, ex-escrava, abolicionista e ativista americana pelos direitos da mulher. “E eu não sou uma mulher?”, teria ela dito.



8. Uma imagem da rainha Elizabeth I em Tilbury, muitas vezes reproduzida em livros didáticos britânicos do século XIX. A rainha, em um delicado vestido esvoaçante, está inteiramente cercada por homens – e lanças.

Dei à luz 13 filhos, e vi “eles quase tudo” vendido feito escravo, e quando gritei minha dor de mãe, só mesmo Jesus me ouviu! E eu não sou uma mulher?

Eu afirmaria que, por mais importantes que tenham sido essas palavras, são apenas um pouco menos míticas que as de Elizabeth em Tilbury. A versão autorizada foi escrita mais ou menos uma década depois de Sojourner Truth ter dito o que quer que tenha dito. Foi quando o agora famoso refrão, que ela com certeza não proferiu, foi inserido, e, ao mesmo tempo, suas palavras foram traduzidas para um arrastado sotaque sulista a fim de combinar com a mensagem abolicionista – mesmo que ela fosse do norte e tenha crescido falando holandês. Não quero dizer que as vozes femininas erguidas em defesa de causas femininas não tenham sido, ou não sejam, importantes (*alguém* precisa falar pelas mulheres); mas permanece o fato de que os discursos públicos femininos tenham sido, há séculos, mantidos nesse “nicho”.

Mesmo a essa permissão, nem sempre as mulheres tiveram acesso – ou não de forma consistente. Há inúmeros exemplos de tentativas de alienar as mulheres do discurso público, ao estilo de Telêmaco. Um caso famoso e recente foi o silenciamento de Elizabeth Warren no Senado americano – e sua exclusão do debate – quando ela tentou ler uma carta de Coretta Scott King. Imagino que poucas de nós conheçamos as regras do debate senatorial o suficiente para saber até que ponto isso foi, formalmente, justificado. Mas tais regras não impediram que Bernie Sanders e outros senadores (reconhecidamente a favor dela) lessem exatamente a mesma carta e *não* fossem excluídos. E há também inquietantes exemplos literários.



9. Fotografada em 1870, com mais de 70 anos, Sojourner Truth é aqui apresentada com a aparência de qualquer coisa, menos a de radical – em vez disso, vemos uma venerável senhora um tanto sedada.

Um dos temas principais de *Bostonianos*, de Henry James, publicado nos anos 1880, é o silenciamento de Verena Tarrant, jovem ativista e porta-voz da campanha feminista. À medida

que se aproxima de seu pretendente Basil Ransom (homem dotado, como salienta James, de uma voz rica e profunda), ela se vê cada vez mais incapaz de falar em público, como costumava fazer. Ransom, de fato, reprivatiza sua voz, insistindo que ela só fale com ele: “Guarde para mim suas palavras suaves”, diz ele. No romance, é difícil definir o ponto de vista do próprio James – com certeza as leitoras não adoraram Ransom –, mas, em seus ensaios, ele deixa clara sua posição; escreveu sobre o efeito poluente, contagiante e socialmente destrutivo das vozes femininas, em termos que poderiam facilmente ter saído da pena de algum romano do século II d.C. (e é bem provável que tenham sido, em parte, provenientes de fontes clássicas).

Sob a influência das mulheres americanas, insistiu ele, a linguagem corre o risco de se tornar “um murmúrio ou um emaranhado, um rosnado ou lamento mudos”; soará como “o mugido da vaca, o zurro do burro e o latido do cão”. (Observem o eco da muda Filomela, o mugido de Io e o latido da oradora no Fórum romano.) James foi um entre muitos. No que equivaleu, à época, a uma cruzada por padrões adequados no discurso americano, outros eminentes contemporâneos elogiaram o doce canto doméstico da voz feminina, enquanto se opunham com firmeza a seu uso no resto do mundo. E houve um sem-número de ataques de raiva relativos aos “estridentes tons anasalados” do discurso público das mulheres, de “zumbidos, grasnados, bufos, lamúrias e relinchos”. “Para o bem de nossos lares, nossos filhos, nosso futuro e nossa honra nacional”, disse outra vez James, “que não tenhamos mulheres assim!”.

É claro que hoje não nos exprimimos em termos tão diretos.

Ou não muito. Porque vários aspectos desse tradicional pacote de pontos de vista relativos à inadequação das mulheres para falar em público de modo geral – pacote que, em essência, remonta a dois milênios – ainda estão subjacentes a algumas de nossas próprias premissas e a nosso constrangimento, quanto à voz feminina em público. Tomemos a linguagem que ainda usamos para descrever o som do discurso das mulheres, não tão longe de James ou daqueles categóricos romanos. O que se diz das mulheres quando abrem um processo público, quando defendem sua posição, quando se manifestam? “Estridentes”, elas “se queixam” e “se lamentam”. Depois de uma série de comentários especialmente chulos sobre minha própria genitália na internet, eu tuitei (com muita valentia, achei) que tudo aquilo era um pouco “chocante”. Isso foi comentado por um cronista numa tradicional revista britânica nestes termos: “A misoginia é realmente ‘chocante’, *choramingou* ela”. (Tanto quanto consigo saber numa rápida pesquisa no Google, o único grupo acusado de “choramingar” como as mulheres é o de impopulares treinadores de futebol da primeira liga numa maré de azar.)

Essas palavras importam? Claro que sim, porque sustentam um vocabulário que age para solapar a autoridade, a força e até o humor do que uma mulher tem a dizer. Trata-se de termos que de fato recolocam as mulheres de volta na esfera doméstica (as pessoas “se queixam” de coisas como lavar a louça); trivializam suas palavras, as “reprivatizam”. Contraponham o homem de “voz grave e profunda” a todas as conotações evocadas pela simples palavra “profunda”. Ainda hoje acontece de, ao escutar uma voz feminina, o público não ouvir uma voz que transmite

autoridade; ou talvez não tenha aprendido a reconhecer nela a autoridade; as pessoas não ouvem *muthos*. E não é só a voz: podemos acrescentar os rostos marcados ou enrugados que sinalizam sabedoria madura no caso de um fulano, mas “data de validade expirada” no caso de uma mulher.

Tampouco a voz da experiência costuma ser ouvida; pelo menos, não fora da esfera tradicional dos específicos interesses femininos. Pois uma mulher, membro do Parlamento, ser ministra das Mulheres (ou da Educação, ou da Saúde) é muito diferente de ser chanceler do Tesouro, posto que nenhuma mulher jamais ocupou no Reino Unido. E, de modo geral, ainda encontramos tremenda resistência à invasão feminina no tradicional terreno discursivo feminino, sejam as ofensas dirigidas a Jacqui Oatley por ter o descaramento de se afastar da rede de *netball* para se tornar a primeira mulher comentarista do *Match of the Day*, sejam as que podem ser infligidas às mulheres que aparecem em *Question Time*, onde a gama de tópicos discutidos é em geral da alçada do tradicional “mundo político masculino”. Pode não ser surpresa que o mesmo cronista que me acusou de “choramingar” queira criar um “pequeno e inocente” concurso para encontrar a “mulher mais burra a se apresentar em *Question Time*”. Mais interessante é outra conexão cultural por isso revelada: opiniões impopulares, controversas ou apenas diferentes, quando expressas por uma mulher, são consideradas indicativos de burrice – “Desculpe, querida, você simplesmente não entende”. Já perdi a conta do número de vezes em que fui chamada de “retardada ignorante”.

Tais atitudes, pressupostos e preconceitos são intrínsecos a

nós: não em nosso cérebro (não há razão neurológica para que ouçamos vozes graves como mais autoritárias que as agudas), e sim em nossa cultura, nossa linguagem e milênios de história. E, quando pensamos na sub-representação das mulheres na política nacional e seu relativo silêncio em esfera pública, precisamos pensar mais além do que alguns proeminentes políticos britânicos e seus colegas já fizeram no Oxford Bullingdon Club, mais além do mau comportamento e da cultura “viripotente” de Westminster, até mesmo além das horas de apoio à família e cuidados com os filhos (por mais importantes que sejam). Precisamos nos concentrar em problemáticas ainda mais fundamentais de como aprendemos a ouvir as contribuições das mulheres ou – voltando por um instante àquela charge do *Punch* – o que eu chamaria de “caso da srta. Triggs”. Não apenas em “como ela conseguiu entrar na conversa”. Mas em como podemos nos tornar mais conscientes de processos e preconceitos que fazem com que não a escutemos.



10. Jacqui Oatley recebe um diploma honorário em 2016. Quando, em 2007, ela começou como comentarista esportiva em *Match of the Day*, houve uma explosão de críticas. “Um insulto aos controlados comentários masculinos”, disse alguém; “vou mudar de canal”, disse outro.

Algumas dessas mesmas questões de voz e gênero estão em jogo na problemática das provocações e hostilidades – de ofensas e ameaças de morte – expressas on-line. Precisamos tomar cuidado para não generalizar demais os aspectos mais sórdidos da internet. Eles aparecem sob vários aspectos (não são exatamente as mesmas questões no Twitter, por exemplo, e na seção de comentários de um jornal), e ameaças de morte criminosas são completamente diferentes de meras e “desagradáveis” ofensas sexistas. Pessoas de todo tipo são alvos, de pais enlutados de adolescentes mortos a vários tipos de “celebridades”. O que é evidente – embora variem as estimativas exatas – é que muito mais homens que mulheres

são autores dessas coisas, e eles atacam muito mais as mulheres que os homens. Para que conste (e eu não sofri nada parecido com o que sofreram algumas mulheres), todas as vezes em que falo no rádio ou na televisão recebo algo que se poderia, num eufemismo, chamar de reações “inapropriadamente hostis” – ou seja, mais que merecidas críticas ou até mesmo raiva justificada.

Estou certa de que tais ofensas têm diversas causas. Algumas são de crianças se fazendo de importantes; outras, de gente que bebeu além da conta; outras, ainda, de pessoas que, em algum momento, perderam a autocensura (e que depois podem pedir muitas desculpas). Muitas são mais tristes que cruéis. Quando estou num humor caridoso, acho que muitas vêm de pessoas decepcionadas com as falsas promessas de democratização proclamadas, por exemplo, pelo Twitter. Parecia que essa plataforma nos poria diretamente em contato com os que estão no poder e abriria um novo e democrático tipo de conversa. E não é, em absoluto, o que acontece: se tuitarmos para o primeiro-ministro ou para o papa, eles não lerão nossas palavras mais que se lhes enviássemos uma carta – e, na maioria das vezes, o primeiro-ministro nem mesmo escreve o que aparece debaixo de seu nome. Como poderia? (Não tenho certeza quanto ao papa.) Parte das ofensas, desconfio, é um grito de frustração contra essas falsas promessas, direcionado a um alvo conveniente e tradicional (“uma mulher atrevida”). As mulheres, lembremos, não são as únicas a se sentirem “emudecidas”.

Quanto mais olhei para ameaças e insultos recebidos por

mulheres, mais eles pareceram se enquadrar nos velhos padrões a que fiz menção. Para começar, não importa muito que posição a mulher toma, caso se aventure pelo tradicional território masculino, pois as ofensas chegam de qualquer maneira. Não é o *que* ela diz que as detona, é o simples fato de dizerem. E isso é compatível com os detalhes das próprias ameaças. Elas incluem um cardápio bastante previsível de estupro, bombardeio, assassinato e assim por diante (pode muito parecer besteira, o que não significa que não seja assustador quando recebido tarde da noite). Mas parte significativa é direcionada para silenciar a mulher. “Cala a boca, sua vaca” é um refrão bastante comum. Ou a promessa de retirar a possibilidade de fala da mulher. “Vou cortar sua cabeça e estuprar ela”, dizia um tuíte que recebi. “Headlessfemalepig” [Porcasemcabeça] foi o nome no Twitter escolhido por alguém ameaçando uma jornalista americana. “Sua língua deveria ser arrancada” foi tuitado a outra mulher.

Trata-se, nesses termos brutais e agressivos, de expulsar as mulheres ou mantê-las fora da conversa masculina. É difícil não ver conexão entre essas loucas explosões de raiva no Twitter – a maioria não passa disso – e os homens, na Câmara dos Comuns, interrompendo violentamente o discurso das mulheres parlamentares, em voz tão alta que ninguém mais consegue ouvir o que elas estão dizendo. (Parece que, no Parlamento afegão, eles desconectam os microfones quando não querem ouvir a mulher.) Ironicamente, a bem-intencionada solução muitas vezes recomendada quando as mulheres são receptoras desse tipo de comportamento provoca exatamente o que desejam os ofensores: ou seja, seu silêncio. O que elas ouvem é: “Não

conteste os ofensores. Não lhes dê atenção, pois é isso o que eles querem. Mantenha-se calada e ‘bloqueie’ o que dizem”. Temos aí uma estranha reprise do velho conselho dado às mulheres para “ficarem quietas e calarem a boca”, o que resulta no risco de deixar os valentões tomarem conta do play.

Chega de diagnósticos: qual é o remédio eficiente? Como muitas mulheres, eu gostaria de saber. Não deve haver, em lugar algum, grupo de mulheres, amigas ou colegas, que já não tenha mais de uma vez discutido os aspectos cotidianos do “caso da srta. Triggs”, seja no escritório, seja numa reunião de diretoria, seja num seminário na Câmara dos Comuns. Como faço para que ouçam minha opinião? Como faço para que prestem atenção? Como faço para participar da conversa? Estou certa de que alguns homens sentem o mesmo, mas, se há algo comum às mulheres de qualquer origem, de qualquer ideologia política, de qualquer tipo de negócio ou profissão, é a clássica experiência da intervenção malsucedida; você está numa reunião, faz uma observação, segue-se então um breve silêncio e, depois de alguns segundos de constrangimento, algum homem volta ao ponto em que havia parado: “O que eu estava dizendo era...”. Você poderia muito bem nunca ter aberto a boca e acaba se culpando tanto quanto culpa os homens do clube exclusivo ao qual parece pertencer a conversa.

Aquelas que conseguem se fazer ouvir adotam, muitas vezes, algum tipo de atitude “andrógina”, como Mécia no Fórum ou Elizabeth I em Tilbury, deliberadamente imitando aspectos da retórica masculina. Foi o que aconteceu com Margaret Thatcher quando fez exercícios vocais específicos para tornar sua voz

mais grave, para adicionar o tom de autoridade que seus assessores consideravam inexistente em sua voz estridente. Se funcionou, talvez seja grosseiro comentar. Mas todas as táticas desse tipo tendem a fazer as mulheres se sentirem ainda mais excluídas, imitadoras de papéis retóricos que não encaram como seus. Falando sem rodeios, ter mulheres fingindo ser homens pode ser um paliativo, mas não chega ao cerne do problema.

Precisamos refletir com mais profundidade sobre as regras de nossas operações retóricas. Não pretendo repetir o velho refrão de que, “afinal, homens e mulheres falam linguagens diferentes” (se isso acontece, é com certeza porque lhes foram *ensinadas* linguagens diferentes). E eu por certo não pretendo sugerir que adotemos o caminho “homens são de Marte, mulheres são de Vênus” proposto pela psicologia pop. Meu palpite é que, se vamos fazer progressos reais no “caso da srta. Triggs”, precisamos voltar a alguns princípios básicos relativos à natureza da autoridade falada, ao que a constitui e a como aprendemos a reconhecer autoridade onde a ouvimos. Mais que empurrar as mulheres para aulas de treinamento vocal a fim de obter um tom agradável, profundo, rouco e completamente artificial, devemos pensar melhor nas falhas e nas rachaduras subjacentes ao discurso masculino dominante.

Uma vez mais, pode ser útil dar uma olhada nos gregos e nos romanos. Pois, embora seja verdade que a cultura clássica é em parte responsável por nossas premissas claramente sexistas relativas ao discurso público, o *muthos* masculino e o silêncio feminino, ocorre também que alguns escritores antigos refletiam muito mais que nós a respeito dessas premissas: eram

subversivamente conscientes do que estava em jogo, preocupavam-se com sua simplicidade e insinuavam a resistência. Ovídio pode ter sido enfático ao silenciar suas mulheres pela transformação ou pela mutilação, mas também sugeriu que a comunicação poderia transcender a voz humana e que as mulheres não eram silenciadas com tanta facilidade. Filomela perdeu a língua, mas ainda assim conseguiu denunciar seu estuprador, bordando, numa tapeçaria, o ocorrido (motivo pelo qual a Lavínia de Shakespeare tem as mãos, além da língua, cortadas). Os teóricos retóricos antigos mais astutos dispuseram-se a reconhecer que as melhores técnicas oratórias masculinas de persuasão eram incomodamente semelhantes (em sua opinião) à sedução feminina. Preocupavam-se: seria a oratória tão inabalavelmente masculina?

Um dos casos mais sangrentos expõe com clareza as não resolvidas guerras de gênero subjacentes à antiga retórica e à vida pública. Durante as guerras civis romanas que se seguiram ao assassinato de Júlio Cesar no ano 44 a.C., Marco Túlio Cícero – o mais poderoso debatedor e orador público do mundo romano de todos os tempos – foi linchado. O esquadrão que o atacou levou, triunfante, suas mãos e sua cabeça para Roma e, a fim de que todos vissem, prendeu-as à plataforma dos oradores no Fórum. Conta a história que foi então que Fúlvia, mulher de Marco Antônio, que havia sido vítima de algumas das mais devastadoras polêmicas de Cícero, foi até lá dar uma olhada. Ao ver as partes arrancadas do corpo, tirou os grampos do cabelo e com eles espetou diversas vezes a língua do morto. É uma desconcertante imagem de um dos acessórios característicos do

embelezamento feminino, o grampo, usado como arma contra o órgão específico de produção da fala masculina – espécie de Filomela às avessas.

O que saliento aqui é uma antiga tradição intensamente autoconsciente: não uma que desafie de modo direto o modelo básico que venho esboçando, e sim uma determinada a revelar seus conflitos e seus paradoxos e a levantar questionamentos mais importantes quanto à natureza e ao propósito do discurso, masculino ou feminino. Talvez devêssemos seguir esse exemplo e tentar trazer à tona os tipos de questão que tendemos a ignorar, sobre como falamos em público, por que o fazemos e quais vozes se adequam. O que precisamos é de alguma antiquada e séria conscientização a respeito do que queremos dizer com “voz de autoridade” e de como viemos a construí-la. Precisamos resolver isso antes de descobrir como nós, modernas Penélopes, podemos responder a nossos próprios Telêmacos – ou, se for o caso, apenas emprestar alguns grampos à srta. Triggs.



11. Na surpreendente versão “medieval” de Edward Burne-Jones, de 1896, a emudecida Filomela é retratada como tendo bordado a história de seu estupro na tapeçaria atrás dela.



12. Na década de 1880, Pavel Svedomsky ofereceu uma versão erótica de Fúlvia se divertindo com a cabeça de Cícero – que ela parece ter levado de volta para casa.

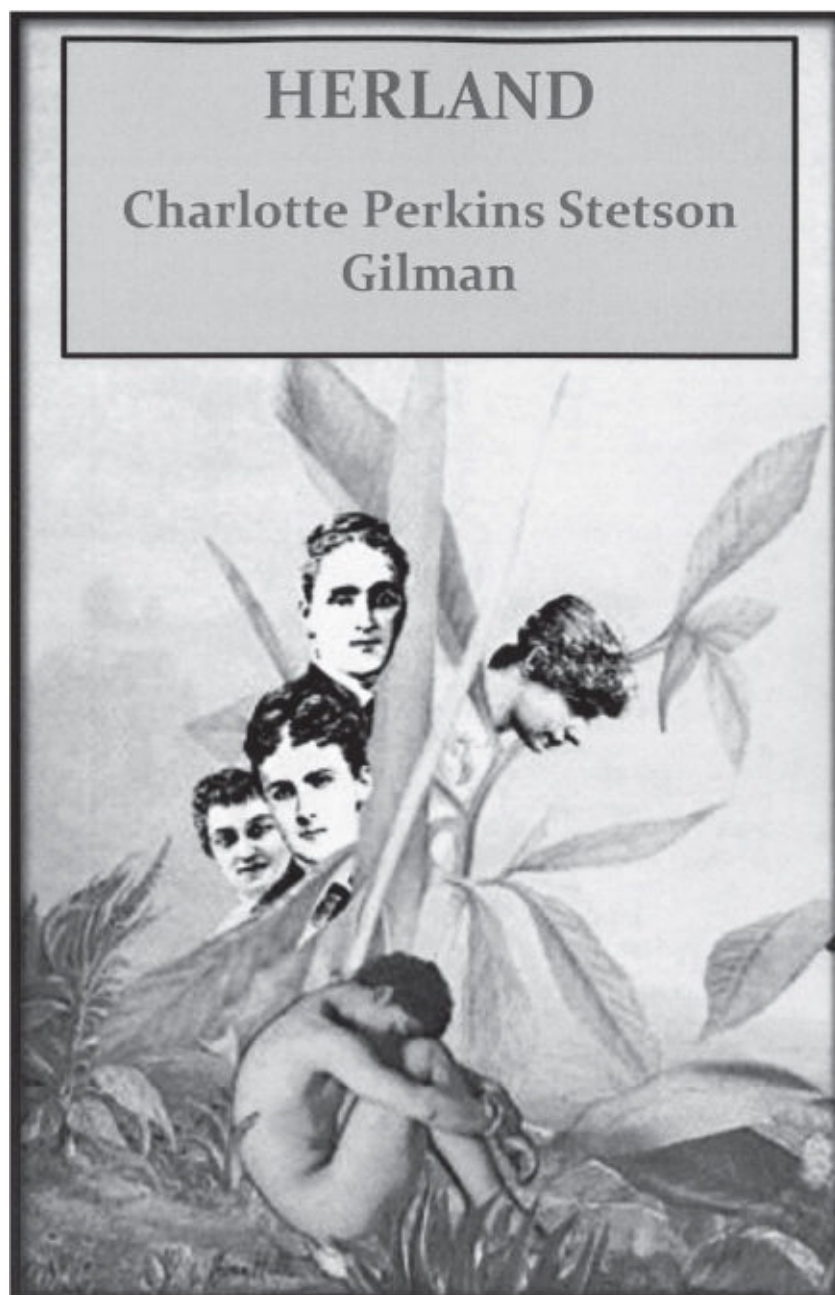
MULHERES NO PODER

Em 1915, Charlotte Perkins Gilman publicou um divertido mas inquietante conto intitulado *Herland*.^[2] Como o nome sugere, trata-se de uma fantasia sobre uma nação de mulheres – e só de mulheres – que existiu há 2 mil anos em alguma remota e ainda inexplorada região do planeta. Essas mulheres vivem numa magnífica utopia: tudo limpo e arrumado, colaborativo, pacífico – lá nem mesmo os gatos matam os pássaros –, organizado com brilhantismo em todos os aspectos, da agricultura sustentável e da comida deliciosa aos serviços sociais e educação. E tudo isso se apoia numa miraculosa inovação. Bem no começo da história, as mães fundadoras aperfeiçoaram, não se sabe como, a técnica da partenogênese. Os detalhes práticos são um pouco obscuros, mas de alguma maneira as mulheres só dão à luz meninas, sem nenhuma intervenção dos homens. Não havia sexo em Herland.

O conto fala da ruptura desse mundo quando três homens americanos o descobrem: Vandyck Jennings, o narrador bonzinho; Jeff Margrave, um homem cuja galanteria é quase sua ruína diante de todas aquelas damas; e o realmente terrível Terry Nicholson. Tão logo chegam, Terry se recusa a acreditar que não há por ali homem que dê as ordens, porque como, afinal de contas, seria possível imaginar mulheres dirigindo alguma coisa? Quando ele aceita que é exatamente isso o que elas fazem, decide que Herland precisa é de um pouco de sexo e de dominação masculina. O conto termina com Terry sendo deportado sem nenhuma cerimônia depois que uma de suas

propostas de dominação, no quarto, dá bastante errado.

Há, na narrativa, diversos tipos de ironia. Um gracejo que Perkins Gilman desenvolve ao longo de toda a história é que as mulheres simplesmente não reconhecem os próprios feitos. Elas criaram, de modo independente, um Estado exemplar, motivo de orgulho, mas, quando confrontadas por seus três indesejados visitantes do sexo masculino, que se situam em algum ponto do espectro entre covardes e canalhas, tendem a se submeter à competência, à sabedoria e à perícia masculinas; e ficam um pouco deslumbradas com o mundo masculino exterior. Embora tenham criado uma utopia, acham que estragaram tudo.



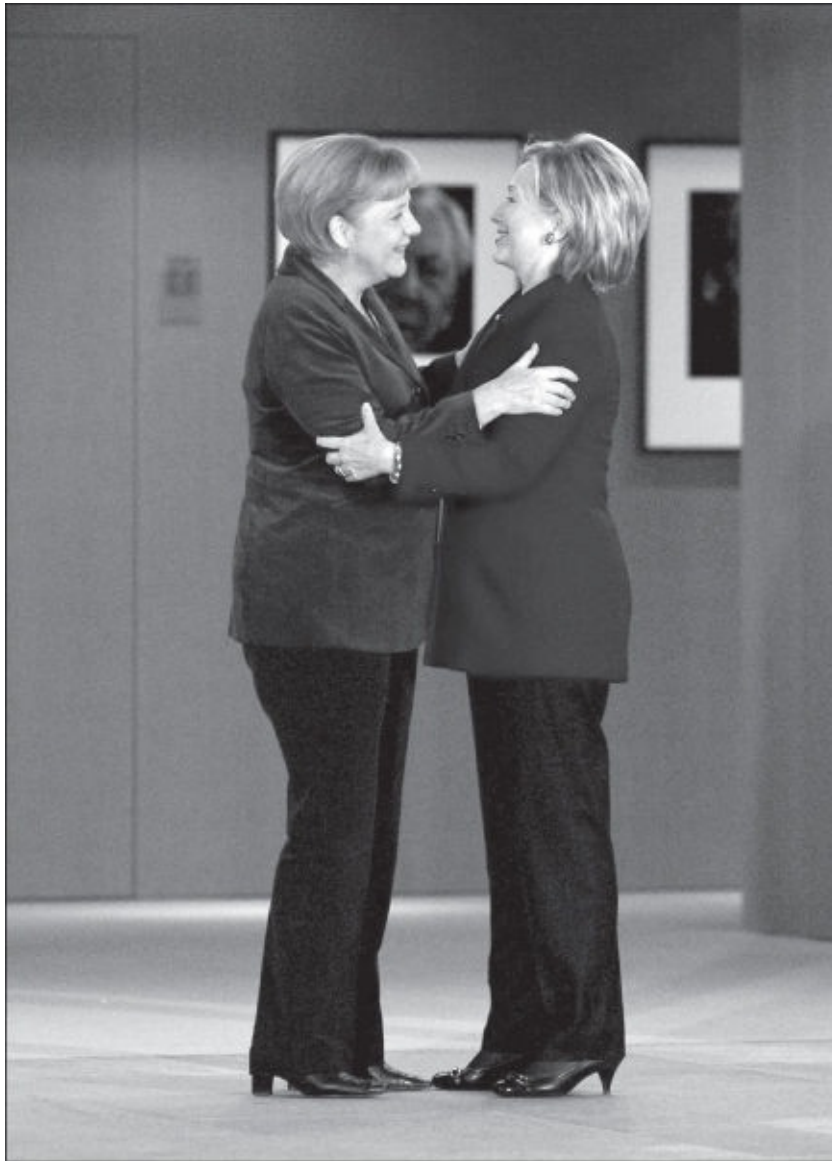
13. Esta capa de *Herland* captura a estranha fantasia utópica do romance de Gilman – não sem os elementos de racismo e eugenia do começo do século xx.

Mas *Herland* sublinha questões maiores, relativas a como reconhecemos o poder feminino e quantas histórias, às vezes

divertidas, às vezes assustadoras, nos contamos a esse respeito – e nós as contamos, pelo menos no Ocidente, há centenas de anos. Como aprendemos a olhar para as mulheres que exercem, ou tentam exercer, o poder? Quais são os fundamentos culturais da misoginia na política ou no ambiente de trabalho e quais são suas formas (que tipo de misoginia, visando a que ou a quem, usando que palavras ou imagens, e que efeitos produz)? Como e por que as definições convencionais de “poder” (ou de “sabedoria”, “perícia” e “autoridade”) que trazemos em mente excluem as mulheres?

Felizmente há agora mais mulheres no que podemos concordar serem posições “poderosas” que dez anos atrás, para não dizer cinquenta. Seja como políticas, conselheiras, comissárias de polícia, gerentes, presidentes de empresas, juízas ou no cargo que seja, esse número ainda é minoria – mas é *maior*. (Só para citar um dado, a quantidade de mulheres parlamentares no Reino Unido girava em torno de 4% na década de 1970; hoje são cerca de 30%.) Mas minha premissa básica é que o modelo mental e cultural de uma pessoa poderosa continua a ser absolutamente masculino. Se fecharmos os olhos e tentarmos conjecturar a imagem de um presidente ou – para passarmos ao âmbito do conhecimento – um professor, o que a maioria de nós vê não é uma mulher. E isso é verdade mesmo *quando se trata de uma mulher* nessa função: o estereótipo cultural é tão forte que, no âmbito dessas fantasias de fechar os olhos, ainda é difícil para *mim* imaginar *a mim*, ou alguém como eu, em meu papel. Escrevi os termos “professor desenho animado” na busca por imagens do Google britânico –

acrescentei a expressão “desenho animado” para ter certeza de que buscava os imaginários, o modelo cultural, não os da vida real. E fiz a pesquisa no Google britânico para excluir a ligeiramente diferente definição de “professor” nos Estados Unidos. Das cem imagens que surgiram, apenas uma, a da professora Holly, da Fazenda Pokémon, era mulher.



14. Angela Merkel e Hillary Clinton vistas juntas em seus uniformes

de mulheres políticas.

Em outras palavras, não temos modelo para a aparência de uma mulher poderosa, a não ser que ela se parece bastante com um homem. Os terninhos regulamentares, ou pelo menos as calças compridas, usados por tantas líderes políticas no Ocidente, de Angela Merkel a Hillary Clinton, podem ser convenientes e práticos; podem ser um sinal da recusa em se tornar uma escrava da moda, que é o destino de tantas esposas de políticos; mas são também uma simples tática – como engrossar o timbre da voz – para fazer com que a mulher pareça mais masculina e adequada ao papel do poder. Elizabeth I (ou quem quer que tenha inventado seu discurso) sabia exatamente o que pretendia ao dizer que tinha “o coração e as entranhas de um rei”. E foi essa ideia do divórcio entre as mulheres e o poder que tornou tão eficazes as imitações feitas por Melissa McCarthy do então secretário de Imprensa da Casa Branca, Sean Spicer, no programa *Saturday Night Live*. Foi dito que tais imitações irritaram o presidente Trump mais que a maioria das sátiras a seu regime, porque, segundo uma “fonte próxima a ele”, “ele não gosta que seu pessoal pareça fraco”. Decodifiquem, e o que isso realmente significa é que ele não gosta que seus homens sejam parodiados por e como mulheres. A fraqueza pressupõe o gênero feminino.

Resulta daí que as mulheres são ainda vistas como ocupando um lugar fora do poder. Podemos, com sinceridade, querer que façam parte dele ou, de diversas formas muitas vezes

inconscientes, considerá-las como intrusas quando chegam a posições de poder. (Ainda me lembro de uma época em Cambridge, quando, na maioria das faculdades, os banheiros femininos ficavam escondidos entre duas quadras, no fim do corredor e debaixo da escadaria do porão: *há uma mensagem aqui*, eu pensava.) Sob todos os aspectos, as metáforas habituais que usamos para nos referirmos ao acesso feminino ao poder – “batendo na porta”, “invadindo a cidadela”, “quebrando as barreiras” ou apenas dando “um empurrãozinho” – sublinham a exterioridade feminina. As mulheres no poder são vistas como tendo ultrapassado os limites ou se apossado de algo a que não têm direito.

Uma manchete no jornal *The Times* do início de 2017 é um excelente exemplo. Acima de um artigo noticiando a possibilidade de que as mulheres logo poderiam ter acesso ao comissariado da polícia metropolitana, à presidência do Conselho de Administração da BBC e ao bispado de Londres, lia-se: “As mulheres se preparam para tomar o poder na Igreja, na polícia e na BBC”. (Cressida Dick, comissária da polícia metropolitana, foi a única a confirmar a previsão.) Claro, os redatores de manchetes são pagos para chamar atenção. Mas, mesmo assim, a ideia de que se poderia apresentar a perspectiva de uma mulher, ao assumir o bispado de Londres, como “tomada de poder” – e de que, provavelmente, milhares e milhares de leitores não ficaram chocados ao ler aquilo – é sinal evidente de que precisamos olhar com mais cuidado para as premissas culturais quanto à relação das mulheres com o poder. Creches nas empresas, horários flexíveis, programas de tutoria e

todas essas coisas práticas são ganhos importantes, mas são apenas parte do que precisa ser feito. Se queremos dar a todo o gênero feminino – e não apenas a poucas pessoas específicas – lugar nas estruturas de poder, precisamos pensar com mais afinco em como e por que pensamos como pensamos. Se há um padrão cultural que funciona para descapacitar as mulheres, do que se trata exatamente e onde o adquirimos?

A esta altura, pode ser útil começarmos a pensar no mundo clássico. Com mais frequência do que percebemos, e às vezes de maneira bastante chocante, ainda usamos os antigos termos gregos para formular a ideia das mulheres dentro e fora do poder. Há, à primeira vista, uma impressionante variedade de personagens femininas poderosas no repertório dos mitos e das narrativas gregas. Na vida real, as mulheres antigas não tinham direitos políticos formais e gozavam de pouquíssima independência econômica ou social; em algumas cidades, como Atenas, mulheres “respeitáveis” da elite raramente eram vistas fora de casa. Mas o drama ateniense em particular e o imaginário grego de modo mais geral ofereceram a *nossa* imaginação uma série de mulheres inesquecíveis: Medeia, Clitemnestra e Antígona, entre tantas outras.

Elas não são, no entanto, modelos de comportamento – longe disso. Na maioria das vezes, são retratadas mais como agressoras que como detentoras de poder. Elas o tomam sem legitimidade, de formas que levam ao caos, à ruptura do Estado, à morte e à destruição. São monstros híbridos que de modo algum são mulheres, no sentido grego. E a lógica inabalável de suas histórias é que devem ser desautorizadas e postas de volta

em seus lugares. De fato, são as inquestionáveis trapalhadas feitas pelas mulheres com o poder no mito grego que justificam a exclusão delas desse âmbito na vida real e justificam o papel do homem. (Não posso deixar de pensar que Perkins Gilman de alguma forma parodiou essa lógica quando fez as mulheres de Herland acreditarem que se tinham enganado.)

Voltemos a um dos mais antigos dramas gregos que sobreviveram, o *Agamenon*, de Ésquilo, encenado pela primeira vez no ano 458 a.C., e veremos que sua anti-heroína, Clitemnestra, exemplifica de modo terrível essa ideologia. Na peça, ela se torna a governante efetiva da cidade enquanto o marido está fora, lutando na Guerra de Troia, e, na ocasião, ela deixa de ser mulher. Ésquilo emprega, repetidas vezes, termos masculinos e a linguagem da masculinidade para se referir a ela. Nas primeiras linhas, por exemplo, sua personalidade é descrita como *androboulon* – palavra difícil de traduzir com exatidão, mas que seria algo como “com objetivos viris” ou “pensando como um homem”. E, é claro, o poder ilegítimamente tomado por Clitemnestra é usado para fins destrutivos quando ela assassina Agamenon no banho, depois que ele retorna. A ordem patriarcal só é restaurada quando os filhos de Clitemnestra conspiram para matá-la.



15. A versão estatutuária de Clitemnestra de Frederic Leighton, do fim do século XIX, também realça seu lado masculino, nos braços fortes e no traje unissex.

Há lógica similar nas histórias daquela raça mítica das mulheres amazonas, que os escritores gregos afirmavam existir

em algum lugar nas fronteiras setentrionais de seu mundo. Um grupo mais violento e militarista que as pacíficas cidadãs de Herland, esse monstruoso regimento sempre ameaçou invadir o mundo civilizado da Grécia e dos homens gregos. Uma imensa quantidade de energia feminista moderna foi desperdiçada na tentativa de provar que tais amazonas já existiram, com todas as sedutoras possibilidades de uma sociedade histórica realmente governada por e para mulheres. Doce ilusão. A dura verdade é que as amazonas foram um mito grego masculino. A mensagem básica era que a única amazona boa era a amazona morta ou – para voltar ao medonho Terry – a que tivesse sido dominada, no quarto. O ponto subjacente era ser dever dos homens salvar a civilização do mando das mulheres.

Há, é verdade, exemplos ocasionais em que pode parecer que recebemos uma versão mais positiva do poder feminino antigo. Um caso típico do teatro moderno é a comédia de Aristófanes conhecida pelo nome da principal personagem feminina, *Lisístrata*. Escrita no fim do século v a.C., a peça é ainda uma escolha popular porque parece ser uma perfeita mistura de clássico pretensioso, feminismo agressivo, um programa de “parem a guerra” e uma boa pitada de obscenidade (e foi traduzida por Germaine Greer). É a história de uma greve do sexo, ambientada não no mundo mitológico, mas no mundo contemporâneo da antiga Atenas. Sob a liderança de Lisístrata, as mulheres tentam obrigar os maridos a darem fim à longa guerra com Esparta, recusando-se a dormir com eles até que o façam. Os homens passam a maior parte do espetáculo com ereções imensamente inconvenientes (o que tende agora a

causar alguma dificuldade e hilaridade para os figurinistas). Por fim, incapazes de suportar por mais tempo aquele estorvo, eles cedem às exigências das mulheres e decretam a paz. O auge do poder das garotas, podemos pensar. Atena, a divindade padroeira da cidade, é também muitas vezes apresentada pelo viés positivo. O simples fato de ser ela uma fêmea não sugere uma versão mais sutil da esfera imaginária da influência feminina?



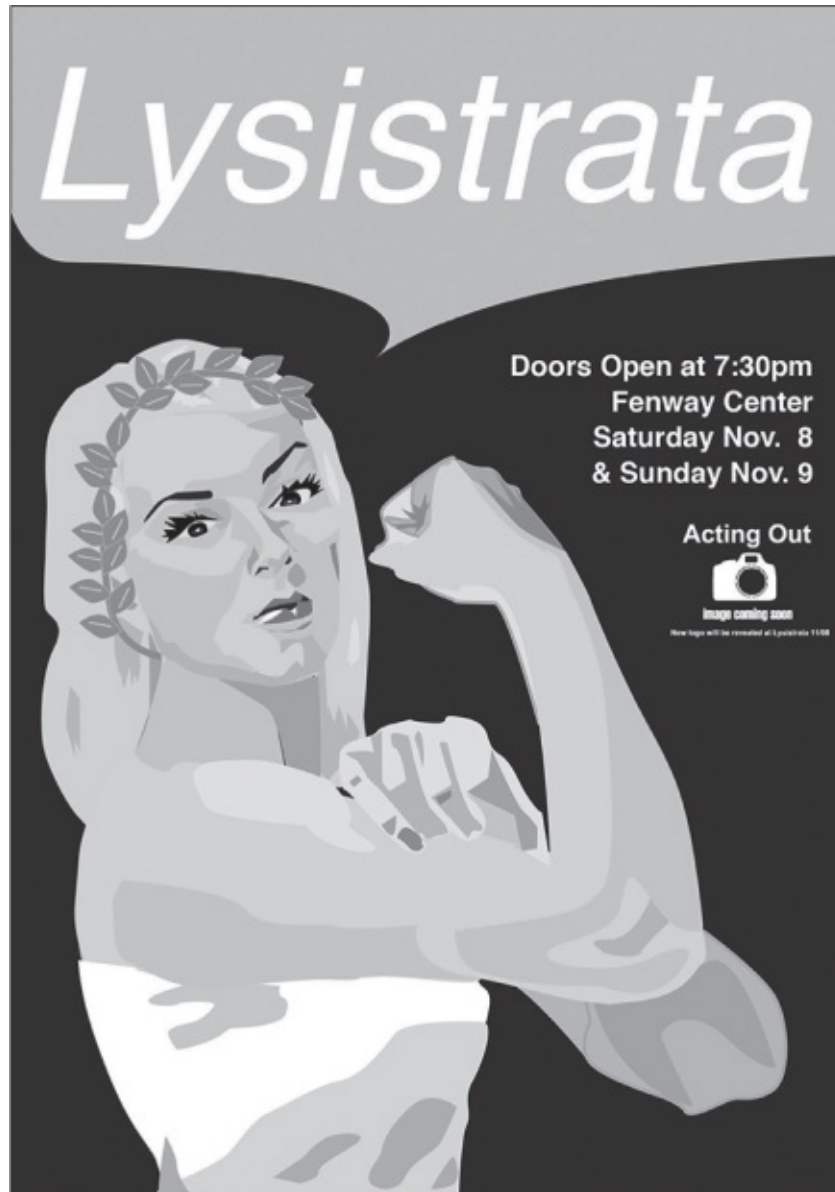
16. O conflito entre amazonas e gregos decora um vaso ateniense do século v a.C. As amazonas usam aqui o equivalente antigo dos “macacões”, ou estilosas túnicas e meias-calças. Para um observador antigo, esse estilo de indumentária remetia aos inimigos dos gregos na vida real: os persas.



17. Amor à última vista. Neste vaso ateniense do século VI a.C., o herói grego Aquiles mata Penthesileia, rainha das amazonas – quando ele a fere com a lança, os dois se apaixonam. Tarde demais.

Receio que não. Se arranharmos a superfície e voltarmos ao contexto do século V, *Lisístrata* parece bem diferente. Não apenas porque a plateia e o elenco originais eram constituídos, de acordo com a convenção ateniense, exclusivamente por homens – é provável que as personagens femininas fossem apresentadas como damas de pantomima. Há também o fato de que, no fim, a fantasia do poder feminino é firmemente silenciada. Na última cena, o processo de paz consiste em levar ao palco uma mulher nua (ou um homem de alguma maneira fantasiado de mulher nua), que é usada como se fosse um mapa da Grécia e metaforicamente dividida de modo constrangedor e

pornográfico entre os homens de Atenas e os de Esparta. Não há aí muito protofeminismo.



18. Neste cartaz para uma produção de *Lisístrata*, em 2015, a famosa imagem de “Rosie, a rebitadeira” é apresentada como a de uma clássica mulher grega para dar um toque feminista.



19. As ereções dos homens famintos por sexo em *Lisístrata* foram muitas vezes um problema para as produções modernas. Eis a solução de uma versão recente: um frasco alongado.

Quanto a Atena, é verdade que, naqueles gráficos binários dos antigos deuses e deusas gregas que aparecem nos modernos livros didáticos (“Zeus, rei dos deuses; Hera, esposa de Zeus”), ela aparece no lado feminino. Mas o que há de crucial a seu respeito no antigo contexto é que ela é mais um daqueles híbridos complicados. No sentido grego, ela não é, de modo algum, uma mulher. Para começar, está vestida como um guerreiro, e a luta era função exclusiva dos homens (esse é um

problema também subjacente em relação às amazonas, é claro). Além disso, é virgem, quando a razão de ser do sexo feminino seria procriar novos cidadãos. E ela nem sequer nasceu de uma mãe, mas diretamente da cabeça de seu pai, Zeus. Era quase como se Atena, mulher ou não, oferecesse um vislumbre de um mundo masculino ideal, no qual as mulheres poderiam não apenas ser mantidas em seu lugar, mas também inteiramente dispensadas.



20. Esta miniatura da estátua romana da deusa Atena no Parthenon captura seu aspecto masculino, do escudo e do peitoral à imagem da vitória (militar) na mão. No centro do peitoral está a cabeça de Medusa.

A questão é simples, mas importante: até onde podemos recuar na história ocidental, há uma separação radical – real,

cultural e imaginária – entre as mulheres e o poder. Mas há um item da vestimenta de Atena que traz tal fato diretamente para nossa atualidade. Em muitas imagens da deusa, bem no centro de sua armadura, fixada no peitoral, há a imagem de uma cabeça feminina com serpentes retorcidas à guisa de cabelos. É a cabeça de Medusa, uma das três irmãs mitológicas conhecidas como Górgonas e um dos maiores símbolos antigos do domínio masculino sobre os perigos destrutivos representados pela simples possibilidade do poder feminino. Não é por acaso que a vemos decapitada – sua cabeça ostentada com orgulho como acessório por essa divindade feminina decididamente não feminina.

Há diversas variantes antigas da história de Medusa. Uma versão famosa a apresenta como uma bela mulher violentada por Poseidon num templo de Atena, que prontamente a transformou, como punição pelo sacrilégio (atentem que a punição foi a *ela*), numa criatura monstruosa com o poder mortal de fazer virar pedra quem quer que olhasse para seu rosto. Mais tarde, foi atribuída ao herói Perseu a tarefa de matar essa mulher, e ele lhe cortou a cabeça usando seu brilhante escudo como espelho para, assim, evitar olhar diretamente para ela. No começo, ele usou a cabeça como arma, pois esta, mesmo depois de morta, conservava o poder de petrificar-se. Presenteou-a depois a Atena, que passou a ostentá-la na própria armadura (uma mensagem clara: tome cuidado para não insistir em olhar diretamente para a deusa).

Não precisamos de Freud para perceber tais cachos ofídicos como uma implícita afirmação do poder fálico. Esse é o mito

clássico em que a dominação do macho é violentamente reafirmada contra o poder ilegítimo da mulher. E, no Ocidente, a literatura, a cultura e a arte têm voltado repetidas vezes ao mesmo tema. A cabeça sangrenta de Medusa é uma visão familiar nas modernas obras-primas, com frequência carregada de questões quanto ao poder do artista de representar um objeto para o qual ninguém deveria olhar. Em 1598, Caravaggio fez uma extraordinária versão da cabeça decapitada com o próprio rosto, segundo afirmam, gritando de horror, jorrando sangue, as serpentes ainda se contorcendo. Algumas décadas antes, Benvenuto Cellini fez uma grande estátua de bronze de Perseu, que ainda está na Piazza della Signoria, em Florença: o herói é representado pisoteando o cadáver mutilado de Medusa e segurando no ar a cabeça, mais uma vez jorrando sangue.



21. Num fantástico tipo de parto, neste vaso ateniense do século vi a.C., Atena é vista sendo parida pela cabeça de Zeus, enquanto

deuses e deusas observam. A aparente loucura do mito grego revela aqui um ponto importante e constrangedor: num mundo perfeito, não se precisaria de mulheres nem para procriar.

O extraordinário é que essa decapitação continue até hoje a ser um símbolo cultural da oposição ao poder feminino. O rosto de Angela Merkel foi inúmeras vezes superposto à imagem de Caravaggio. Num dos ataques mais tolos desse tipo, uma coluna na revista da Federação de Polícia chamou Theresa May, então secretária de Estado, de “Medusa da virgindade”. “A comparação com a Medusa pode ser um pouco forte”, reagiu o *Daily Express*, pois “todos nós sabemos que a sra. May tem cabelos lindamente penteados”. Em 2017, uma caricatura que circulou na conferência do Partido Trabalhista representava uma imagem da “Maydusa”, com cobras e tudo. Mas a sra. May se saiu bem, se comparada a Dilma Rousseff, cuja sorte foi bem pior quando era presidente do Brasil e precisou inaugurar uma grande exposição de Caravaggio em São Paulo. A *Medusa*, é claro, lá estava, e Rousseff, de pé na frente do quadro, revelou-se uma irresistível oportunidade de foto.



22. Triunfalismo heroico ou misoginia sádica? Na estátua de Benvenuto Cellini, Perseu segura a cabeça cortada de Medusa enquanto pisoteia seu corpo morto. Faz contraponto com a escultura logo atrás: o herói grego Aquiles sequestrando com violência uma princesa troiana.

É com Hilary Clinton, entretanto, que vemos o tema de Medusa em seu aspecto mais gritante e sórdido. Como era

previsível, os partidários de Trump produziram um grande número de imagens mostrando-a com cachos ofídicos. Mas a mais terrível e memorável de todas adaptava um bronze de Cellini, muito mais impactante que o Caravaggio, porque não era apenas uma cabeça: incluía também o heroico macho adversário e destruidor. Tudo o que precisaram fazer foi superpor o rosto de Trump ao de Perseu e dar à cabeça cortada as feições de Clinton (em nome do bom gosto, imagino, foi omitido o corpo mutilado pisoteado por Perseu). É verdade que, se esquadriarmos alguns dos nichos mais obscuros da internet, poderemos encontrar algumas imagens bastante desagradáveis de Obama. É também verdade que, num quadro satírico de um programa da televisão americana, foi exibida uma falsa cabeça cortada do próprio Trump, mas, nesse caso, a consequência foi que a comediantes que a segurava perdeu o emprego.



23. Assim como Angela Merkel e Theresa May, a presidente Dilma Rousseff foi comparada à Medusa de Caravaggio.

Em contrapartida, a cena de Perseu-Trump brandindo a cabeça ensanguentada e gotejante de Medusa-Clinton tornou-se parte do universo doméstico decorativo do cotidiano americano. Era possível comprá-la em camisetas e regatas, em canecas, capas de laptop e sacolas (às vezes com a palavra TRIUMPH, às vezes TRUMP). Pode ser necessário algum tempo para assimilarmos essa normalização da violência sexual, mas, se por acaso houver dúvida quanto até que ponto a exclusão das mulheres do poder está culturalmente absorvida ou quanto à influência consolidada dos métodos clássicos de formulá-la ou justificá-la, apresento-lhes Trump e Clinton, Perseu e Medusa, e está encerrado o assunto.

É claro que não basta encerrar o assunto sem dizer o que de fato poderíamos fazer a esse respeito. O que seria preciso para modificar o lugar das mulheres no âmbito do poder? Penso que, neste ponto, devemos distinguir a perspectiva individual da geral, mais comum. Se olharmos para algumas das mulheres que “chegaram lá”, veremos que as táticas e as estratégias por trás de seu sucesso não se limitam a meras imitações das atitudes masculinas. Algo que muitas dessas mulheres têm em comum é a capacidade de usar a seu favor os símbolos que em geral enfraquecem o poder feminino. Margaret Thatcher parece ter feito isso com suas bolsas, tanto que, com o tempo, o uso do acessório feminino mais estereotipado transformou-se numa expressão de poder político: como em “dar uma bolsada”. Numa escala incomparavelmente menor, fiz algo parecido quando fui a

minha primeira entrevista para um emprego acadêmico, por acaso no apogeu da era Thatcher. Comprei uma meia-calça azul especialmente para a ocasião. Não era minha preferência habitual em termos de moda, mas a lógica fazia sentido: “Se vocês, entrevistadores, vão pensar que sou uma sabichona metida a intelectual,^[3] deixem-me mostrar-lhes que eu *sei* que é isso que vocês estão pensando e que já vim sabendo”.





24. A cabeça de Medusa, de Caravaggio, foi replicada inúmeras vezes para “decapitar” mulheres políticas. Aqui, Angela Merkel e Hillary Clinton recebem o tratamento de Medusa.



25. Lembranças incômodas? Os partidários de Donald Trump na eleição americana de 2016 podiam escolher entre várias imagens clássicas. Nenhuma foi mais impactante que a representação de Trump como Perseu decapitando Hillary Clinton como Medusa.

Voltando a Theresa May, ainda é cedo demais para afirmar, e há uma crescente possibilidade de que um dia olhemos para trás

e a vejamos como uma mulher que foi colocada – e mantida – no poder para que falhasse. (Estou fazendo um enorme esforço para não a comparar a Clitemnestra.) Mas tenho a impressão de que sua “mania de sapatos” e aqueles saltinhos finos e baixos são uma das maneiras de mostrar recusa a se encaixar no padrão masculino. Ela é também bastante boa, como foi Thatcher, em explorar os pontos fracos no arsenal do tradicional poder masculino do Tory.^[4] O fato de não fazer parte do mundo dos garotos sociáveis, de não ser “um dos rapazes”, ajudou-a algumas vezes a abrir um caminho independente para si mesma. Com a exclusão, ela ganhou poder e liberdade. E é famosa sua alergia a “mansplaining”.^[5]



26. Margaret Thatcher “dá uma bolsada” em um dos ministros, o infeliz Kenneth Baker.

Muitas mulheres poderiam compartilhar perspectivas e truques como esse. Mas as grandes questões que tento enfrentar

não se resolvem com dicas de como explorar o *status quo*. Também não acredito que a paciência seja a resposta, mesmo que seja quase certa a mudança gradual. Na verdade, considerando que as mulheres deste país só têm direito de voto há cem anos, não deveríamos nos esquecer de nos felicitar pela revolução que todos nós, homens e mulheres, conquistamos. Dito isso, se eu tiver razão quanto às profundas estruturas culturais que legitimam a exclusão feminina, é provável que o gradualismo demore demais – pelo menos para mim. Precisamos refletir melhor a respeito do que é o poder, para que serve e como é medido. Em outras palavras, se as mulheres não são vistas como totalmente pertencentes às estruturas do poder, certamente precisamos redefinir o poder?

Até agora, ao refletir sobre o poder, tenho seguido o caminho habitual das discussões desse tipo, concentrando-me na política e nos políticos nacionais e internacionais – aos quais poderíamos somar, por precaução, alguns grupos de presidentes de empresa, jornalistas proeminentes, executivos de canais de televisão, e assim por diante. Isso oferece uma visão muito estreita do que é o poder, correlacionando-o em grande parte com prestígio público (ou, em alguns casos, notoriedade pública). É muito “altas esferas”, num sentido bem tradicional e vinculado à imagem da “barreira invisível” do poder, que não só posiciona as mulheres do lado de fora do poder, como também visualiza a pioneira feminina como a já bem-sucedida supermulher com apenas uns poucos vestígios do preconceito masculino que a impede de chegar ao topo. Não acredito que esse modelo funcione para muitas mulheres que, mesmo não

pretendendo ser presidente dos Estados Unidos nem de alguma empresa, aspiram a uma posição de poder. E com certeza não atraiu, em 2016, número suficiente de eleitores americanos.

Mesmo que restrinjamos nossa visão aos escalões superiores da política nacional, a questão de como julgamos o sucesso feminino nessa área é ainda complicada. Há inúmeros rankings que traçam a proporção de mulheres nas assembleias legislativas nacionais. No topo está Ruanda, onde mais de 60% dos membros dos órgãos legislativos são mulheres, enquanto a posição do Reino Unido está quase cinquenta posições abaixo, com cerca de 30%. Surpreendentemente, o Conselho Nacional da Arábia Saudita tem uma proporção maior de mulheres que o Congresso americano. É difícil não lamentar alguns desses números e aplaudir outros, e muita coisa foi bem-feita em relação ao papel das mulheres depois da guerra civil em Ruanda. Mas eu me pergunto se, em alguns lugares, a presença de um grande número de mulheres no Parlamento significa que lá seja o lugar onde o poder *não está*.

Suspeito também que não estejamos sendo muito honestos quanto ao que *esperamos* das mulheres nos parlamentos. Diversos estudos apontam para o papel das políticas na promoção de legislações em benefício dos interesses femininos (em assistência à infância, igualdade salarial e violência doméstica, por exemplo). Um relatório da Fawcett Society sugeriu, há pouco tempo, uma analogia entre o equilíbrio de 50/50 entre mulheres e homens na Assembleia galesa e o número de vezes em que as “questões femininas” foram levantadas. Não quero, de modo algum, me queixar quanto à

assistência à infância e ao descanso receberem uma justa visibilidade, mas não acho que tais coisas devam continuar a ser percebidas como “questões femininas” nem que sejam essas as razões pelas quais queremos mais mulheres no Legislativo. Tais razões são muito mais básicas: é incontestavelmente injusto manter as mulheres de fora, sejam quais forem os recursos inconscientes que usemos; e simplesmente não podemos nos dar ao luxo de continuar sem a experiência feminina, seja em tecnologia, seja em economia, seja em assistência social. Se isso significa que menos homens entrem para o Legislativo, o que é provável – mudanças sociais sempre resultam em perdedores e vencedores –, fico feliz em encarar tais homens.

Mas isso ainda é tratar o poder como algo elitista, acoplado ao prestígio público, ao carisma individual da assim chamada “liderança” e, muitas vezes, embora não sempre, a algum grau de celebridade. É também tratar o poder com uma visão muito estreita, como um objeto de posse que apenas alguns poucos – na maioria, homens – podem ter ou empunhar (é exatamente isso o que é sintetizado pela imagem de Perseu, ou Trump, brandindo sua espada). Nesses termos, as mulheres como gênero – não como pessoas – são, por definição, excluídas. Não se pode, com facilidade, inserir as mulheres numa estrutura que já está codificada como masculina; é preciso mudar a estrutura. Isso significa pensar no poder de outra maneira. Significa dissociá-lo do prestígio público. Significa pensar de forma colaborativa, pensar no poder dos seguidores, não apenas dos líderes. Significa, mais que tudo, pensar no poder como um atributo ou mesmo como um verbo, não como posse. O que

tenho em mente é a capacidade de ser eficaz, de fazer diferença no mundo e o direito de sermos levadas a sério, tanto juntas quanto individualmente. É esse tipo de poder que muitas mulheres sentem não ter – e ao qual aspiram. Por que a ressonância popular do termo “*mansplaining*” (apesar da profunda aversão que a palavra desperta em muitos homens)? Ele cala fundo em nós porque traduz exatamente o que é *não se sentir levado(a) a sério*: mais ou menos como me senti quando queriam me dar aulas de história romana no Twitter.

Deveríamos, então, ser otimistas em relação à mudança quando pensamos no que é o poder, no que ele é capaz de fazer e no engajamento das mulheres? Talvez devêssemos ser, um pouco. Impressiona-me, por exemplo, o fato de que um dos movimentos políticos mais influentes dos últimos anos, o Black Lives Matter,^[6] tenha sido fundado por três mulheres; poucos entre nós, acredito, reconheceríamos o nome delas, mas, juntas, elas tiveram o poder de mudar o rumo das coisas.

Mas o quadro geral é um tanto mais sombrio. Não chegamos nem perto de subverter aquelas primeiras histórias de poder que servem para manter as mulheres fora dele e usá-las em nosso próprio proveito, como fez Thatcher com sua bolsa. Mesmo que eu tenha sido pedante ao protestar contra *Lisístrata* ser encenada como se tratasse do poder feminino – embora talvez fosse exatamente assim que *deveríamos* encená-la agora. E, apesar das reconhecidas tentativas feministas de, ao longo dos últimos cinquenta anos ou mais, resgatar Medusa para o poder feminino (“Rindo com Medusa”, como colocou o título de uma recente coleção de ensaios) — sem falar do seu uso como a logomarca de

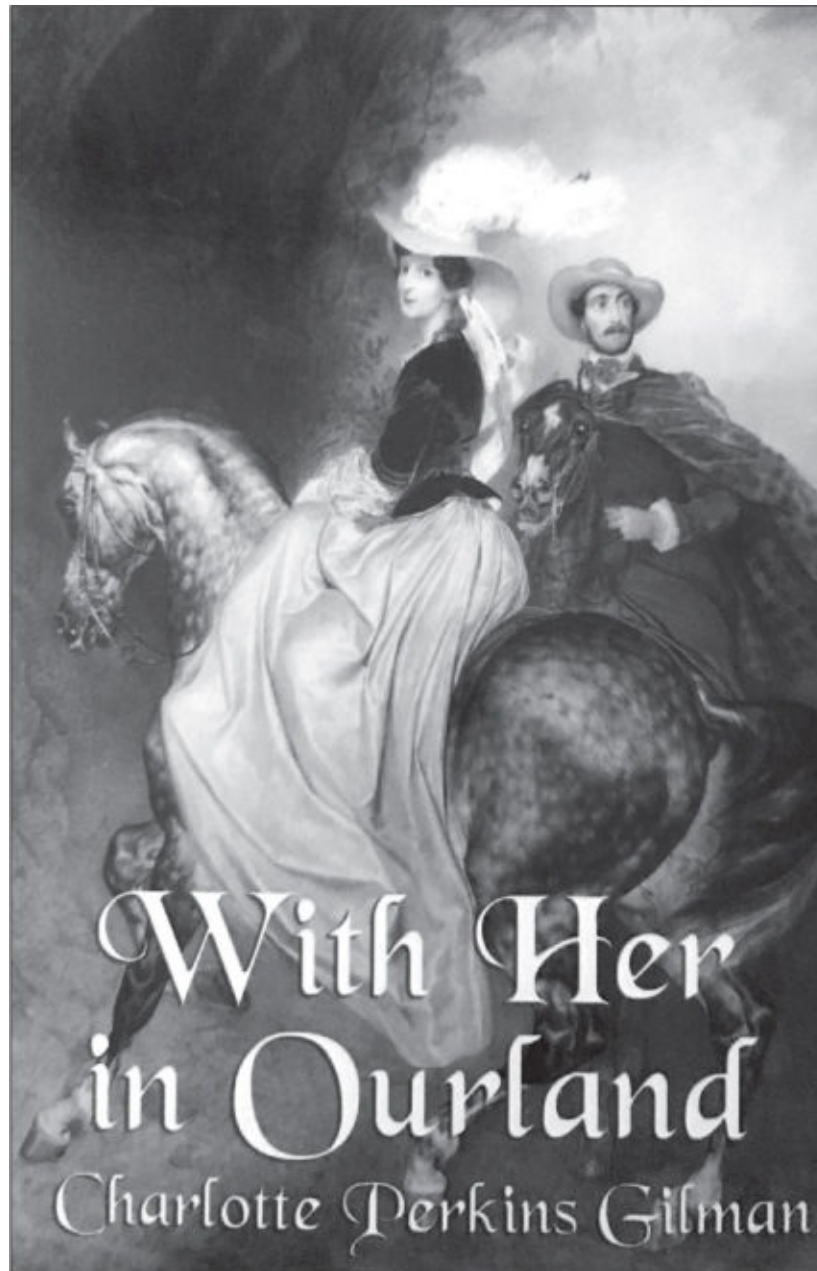
Versace —, não houve diferença alguma na maneira como ela tem sido usada em ataques a mulheres políticas.



27. Não há necessidade de ser celebridade para fazer a diferença. Poucas pessoas sabem o nome das mulheres fundadoras do Black Lives Matter: Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi.

O poder dessas narrativas tradicionais é muito bem

capturado, embora com um viés fatalista, por Perkins Gilman. Pois há uma continuação de *Herland* na qual Vandyck decide escoltar Terry de volta para casa em Ourland,^[7] levando com ele sua esposa em Herland, Ellador: o título é *With Her in Ourland*.^[8] Na verdade, Ourland não faz muito boa figura, até porque Ellador é apresentada a ela no meio da Primeira Guerra Mundial. Em pouco tempo, o casal, tendo abandonado Terry, decide voltar para Herland. Agora, Van e Ellador esperam um bebê, e – como talvez tenham adivinhado – as últimas palavras dessa segunda novela são: “Em boa hora, nasceu para nós um menino”. Perkins Gilman deve ter se dado conta de que não havia necessidade de continuação. Qualquer leitor sintonizado com a lógica da tradição ocidental seria capaz de prever exatamente quem estaria no comando de Herland cinquenta anos depois. Aquele menino.



28. A capa de uma edição recente de *With Her in Ourland* dá uma dica de como as mulheres de Herland poderiam ser domesticadas num mundo de poder masculino.

POSFÁCIO

Transformar palestras em material impresso permanente pode ser complicado. Até que ponto recuamos, repensamos e polimos o texto? Até que ponto procuramos manter o espírito, e talvez as arestas, do momento em que aquelas palavras foram proferidas? Aproveitei a oportunidade para algumas ligeiras atualizações. Barack Obama ainda era presidente em 2014, quando fiz a palestra que se transformou no primeiro capítulo, e o mandato de Theresa May tinha um formato bastante diferente quando fiz a segunda palestra, em março de 2017 (e meu comentário casual quanto a ela ter sido colocada no poder “para que falhasse” – que *estava* na versão original – talvez tenha sido mais profético do que eu imaginava). Mas resisti à tentação de fazer mudanças drásticas, introduzir novos temas ou desenvolver algumas ideias aqui superficialmente abordadas. Eu gostaria de, no futuro, refletir mais a respeito de exatamente *como* lidar com a reconfiguração dessas ideias de “poder” que agora só não deixam de fora umas poucas mulheres; e gostaria de tentar afastar a própria noção de “liderança” (em geral masculina), hoje considerada essencial para as instituições bem-

sucedidas, de escolas e universidades a empresas e ao governo. Mas isso fica para outro dia.

Se desejarem exemplos mais recentes do tipo de abuso de mulheres que tenho discutido, há inúmeros, fáceis de achar on-line. Os *trolls*^[9] não são particularmente imaginativos nem sutis, e as avalanches no Twitter tendem a ser todas parecidas. Mas há, em poucas ocasiões, ângulos novos ou reveladores das comparações a serem feitas. Fiquei muito impressionada – durante e logo após as eleições gerais no Reino Unido, no verão de 2017 – com as duas desastrosas entrevistas radiofônicas dadas pela deputada trabalhista Diane Abbott e pelo conservador Boris Johnson. Abbott desmoronou ao falar do custo da política de seu partido com recrutamento policial – saindo-se, a certa altura, com números que sugeriam que cada novo oficial receberia cerca de 8 libras por ano. Johnson demonstrou semelhante constrangedora ignorância e tropeços em alguns dos principais compromissos do novo governo; não parecia fazer ideia das políticas do partido relativas à discriminação racial no sistema de Justiça penal ou ao acesso ao ensino superior. A causa desses “desmoronamentos” não é a questão principal (Abbott estava sem dúvida despreparada, na época). O impressionante foi a diferença entre as reações, on-line e em outros lugares.

No mesmo instante começou a “temporada de caça” a Abbott, ridicularizada como “babaquara”, “gorda idiota”, “cabeça oca imbecil” e coisa muito pior, com mais que respingos de racismo jogados em cima dela (ela é a mais antiga parlamentar negra da Grã-Bretanha). Interpretada de forma bem-educada, a mensagem era de que ela simplesmente não estava à altura da

função. Johnson também foi alvo de inúmeras críticas, mas num estilo bem diferente. Sua entrevista foi considerada mais como um exemplo de rebeldia imatura: ele deveria se controlar, deixar de ser arrogante, concentrar-se e dominar melhor suas tarefas. Em outras palavras, faça melhor da próxima vez. O objetivo dos agressores de Abbott (minado, como se viu, quando ela foi reeleita por mais votos e indiscutível maioria) era garantir que ela não tivesse “próxima vez”.

Sejam quais forem as opiniões a respeito de Abbott e Johnson, é interessante que diferentes tipos de padrões tenham sido exibidos. Não se trata apenas do fato de que chegar ao sucesso seja mais difícil para as mulheres; elas são tratadas com muito mais rigor sempre que cometem algum erro. Pensem em Hillary Clinton e naqueles e-mails. Se eu fosse recomendar este livro a partir do zero, encontraria mais espaço para defender o *direito de errar*, pelo menos de vez em quando.

Não tenho certeza de poder encontrar um paralelo clássico para isso. Felizmente, nem tudo o que fazemos ou pensamos remonta direta ou indiretamente a gregos e romanos; e muitas vezes me vejo insistindo em afirmar que não há, na história do mundo antigo, lições simples para nós. Não precisávamos dos tristes precedentes romanos na região para saber que a moderna intervenção militar ocidental no Afeganistão e no Iraque poderia ser má ideia. O “colapso” do Império Romano no Ocidente tem pouco a nos dizer em relação a altos e baixos da moderna geopolítica. Dito isso, prestar mais atenção na Grécia e em Roma ajuda-nos a prestar mais atenção em nós mesmos e a compreender melhor como aprendemos a pensar como

pensamos.

Há ainda muitas razões para que nos interessemos pela *Odisseia* de Homero, e seria um crime cultural se a lêssemos apenas para investigar as fontes da misoginia ocidental; trata-se de um poema que explora, entre outras coisas, a natureza da civilização e da “barbárie”, da volta ao lar, da fidelidade e do pertencimento. Mas, ainda assim – como espero que este livro demonstre –, a repreensão de Telêmaco à mãe, Penélope, quando ela se atreve a abrir a boca em público é algo que continua a ser reencenado, com excessiva frequência, no século XXI.

Setembro de 2017

REFERÊNCIAS E OUTRAS LEITURAS

Todos os textos clássicos mencionados estão disponíveis em traduções, tanto em versões impressas quanto on-line. Podem ser facilmente encontrados na Loeb Classical Library (Harvard University Press) e na Perseus Digital Library (<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>). São também úteis as traduções atualizadas publicadas pela Penguin Classics.

Capítulo 1

A repreensão de Penélope está em Homero, *Odisseia* 1, 325–64. A fantasia “hilariante” de Aristófanes é *Ecclesiazousai* (*A assembleia das mulheres* ou *A revolução das mulheres*). A história de Io é contada por Ovídio em *Metamorfoses* 1, 587–641, e a de Eco, em *Metamorfoses* 3, 339–508. Valério Máximo é o antologista romano que discute a fala das mulheres em público (em *Nove livros de feitos e ditos memoráveis* 8, 3). A versão mais famosa do discurso de Lucrecia é de Lívio, *História de Roma* 1, 58. A história de Filomela é contada em *Metamorfoses* 6, 438–619. O guru do século II d.C. é Plutarco, que se refere à voz das mulheres em *Conselhos a um noivo e uma noiva* 31 (= *Moralia* 142d). Para o velho chavão romano *vir bonus dicendi peritus*, ver Quintiliano, *Manual de oratória* 12, 1. Aristóteles discute as implicações do tom de voz em sua *História dos animais* 5, 7 (786b–788b) e em *Fisiognomia* 2 (806b). A aflição da comunidade em que os homens falam como as mulheres é discutida por Dião Crisóstomo, *Discursos* 33, 38. Para uma discussão mais aprofundada de discurso de gêneros e silêncio no mundo clássico, ver *Making Silence Speak: Women’s Voices in Greek Literature and Society*, editado por A. P. M. H. Lardinois e Laura McClure (Princeton, NJ, 2001) e Maud W. Gleason, *Making Men: Sophists and Self-Presentation in Ancient Rome* (Princeton, NJ, 1995).

A autenticidade do discurso de Elizabeth I em Tilbury tem sido muito contestada. Susan Frye, em “The Myth of Elizabeth at Tilbury”, *Sixteenth-Century Journal* 23 (1992) 95-114, dá bons motivos de ceticismo e inclui o texto-padrão – ver também <http://www.bl.uk/learning/timeline/item102878.html>. A vida de Sojourner Truth é discutida por Nell Irvin Painter, *Sojourner Truth: a Life a Symbol* (Nova York, 1997); as variantes do discurso estão disponíveis em <http://wonderwombman.com/sojourner-truththe-different-versions-of-aint-i-a-woman/>. O ensaio de Henry James “The Speech of American Women” está incluído em *Henry James on Culture: Collected Essays on Politics and the American Social Scene*, editado por Pierre A. Walker (Lincoln & London, 1999), 58-81. Para outras citações, ver Richard Grant White, *Every-Day English* (Boston, 1881) 93, e William Dean Howells, “Our Daily Speech”, *Harper’s Bazaar* 1906, 930-4, comentado por Caroline Field Levander, *Voices of the Nation: Women and Public Speech in Nineteenth-Century American Literature and Culture* (Cambridge, 1998). Estimativas precisas dos níveis de assédio on-line são notoriamente difíceis, e há o permanente problema da relação entre incidência real e relatada; mas uma análise útil e recente, com ampla bibliografia, é a de Ruth Lewis *et al.*, “Online Abuse of Feminists as an Emerging Form of Violence Against Women and Girls”, *British Journal of Criminology*, publicado em setembro de 2016, disponível em <https://academic.oup.com/bjc/article-lookup/doi/10.1093/bjc/azw073>. A mutilação da cabeça de Cícero por Fúlvia é descrita por Cássio Dião em *Roman History* 47, 8, 4.

Capítulo 2

A afirmação de que Clitemnestra é *androboulon* é explicitada em Ésquilo, *Agamenon* 11. Adrienne Mayor, em *The Amazons: Lives and Legends of Warrior Women across the Ancient World* (Princeton, NJ, 2014), oferece uma discutível visão alternativa das amazonas (mas não me convence). A tradução de Greer de *Lisístrata* está em G. Greer e P. Wilmott, *Lysistrata: the Sex-Strike* (Londres, 1972); *Looking at Lysistrata: Eight Essays and a New Version of Aristophanes' Provocative Comedy*, publicado por David Stuttard (Londres, 2010), é uma boa introdução para as questões da peça. Uma versão clássica antiga da história de Medusa é de Ovídio, em *Metamorfoses*, 4, 753-803. As principais tentativas de recuperar a história de Medusa incluem: H. Cixous, “The Laugh of the Medusa”, *Signs* 1 (1976), 875-93, e *Laughing with Medusa*, publicado por Vando Zajko e Miriam Leonard (Oxford, 2006). Uma útil coleção de ensaios é *The Medusa Reader*, editada por Marjorie Garber e Nancy J. Vickers (Nova York e Abingdon, 2003). As opiniões a respeito da Fawcett Society na Assembleia galesa estão sintetizadas em <https://humanrights.brightblue.org.uk/fawcett-written-evidence/> (“mulheres legisladoras foram responsáveis por abordar a assistência à infância em 62% das vezes em que o tema foi debatido, por abordar a violência doméstica em 74% das vezes e a paridade salarial em 65% das vezes”).

AGRADECIMENTOS

Foi minha amiga Mary-Kay Wilmers, editora do *London Review of Books* (LRB), quem primeiro idealizou o tema das palestras que se tornariam a base deste livro e que as encomendou para a série de conferências do LRB no British Museum, em 2014 e 2017. Meus agradecimentos vão para ela, para toda a equipe do LRB e para a BBC, que levou ao ar, na televisão e no rádio, uma versão do que expus (para que conste, a primeira palestra foi a única de minhas aventuras televisivas que o falecido A. A. Gill realmente apreciou). Ao longo do processo, muitas outras pessoas ajudaram a levar a cabo esta publicação. Como sempre, Peter Stothard teve a generosidade de compartilhar seus conhecimentos (tanto dos clássicos como da política contemporânea); Caterina Turrone me auxiliou na última fase, e nas últimas palavras, enquanto trabalhávamos juntas num projeto completamente diferente; minha família – Robin, Zoe e Raphael Cormack – ouviu com paciência muitas versões de ensaios das palestras, por semanas a fio (e Raphael logo insistiu para que eu relesse *Herland*); Debbie Whittaker foi indispensável; e todas as pessoas em Profile, inclusive Penny Daniel, Andrew

Franklin e Valentina Zanca, foram generosas, eficientes e pacientes como sempre. Não posso deixar de recordar que, nos primeiros anos da década de 1980, Chloe Chard e eu redigimos um artigo tendo como tema o porquê de ser tão raro as mulheres palestrarem em seminários universitários; ninguém quis publicá-lo. Alguns dos pontos aqui examinados originaram-se de conversas com Chloe.

Mais que a todos, devo agradecer a Helen Morales, minha antiga colega em clássicos no Newnham College de Cambridge, hoje professora na Universidade da Califórnia, em Santa Barbara. Discutimos, em longos telefonemas transatlânticos, as questões, clássicas ou não, do poder e da voz das mulheres. Entre muitas outras coisas, ela direcionou minha atenção para as imagens de Medusa. Este livro é para ela.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem de vaso vermelho do século v a.C. que representa Penélope e seu filho Telêmaco em Ítaca, exposta no Museu Nacional, em Chiusi. Foto: DEA imagem library/de Agostini/Getty Images), p. 17.

“Excelente sugestão, srta. Triggs”, charge que representa uma reunião sexista, de Riana Duncan, *Punch*, 8 de setembro de 1988. Foto: © Limited, p. 19.

Io, transformada em vaca, é entregue a Juno por Júpiter, pintado por David Teniers, 1638, exposto no Kunsthistorisches Museum, Viena, Áustria. Foto: Wikimedia, p. 22.

Eco e Narciso, pintado por John William Waterhouse, 1903, exposto na galeria Walker Art, Liverpool. Foto: Superstock/Getty Images, p. 24.

O estupro de Lucrecia por Sexto Tarquínio e seu suicídio: grande miniatura numa folha de álbum com iluminuras amicorum, c. 1550. Foto: Sotheby's, p. 26.

Tela de Pablo Picasso, briga entre Tereu e sua cunhada Filomela (1930), em *Metamorfoses* de Ovídio. Foto: © Succession Picasso/DACS, Londres 2017, p. 27.

Xilogravura de Hortênsia defendendo sua causa perante o triunvirato, de uma tradução alemã de *Mulieribus claris* de Giovanni Boccaccio, c. 1474. Foto: Penn Provenance Project/Wikimedia, p. 30.

A rainha Elizabeth I (1533-1605) a cavalo, passando em revista as tropas em Tilbury, c. 1560. Foto do Hulton Archive/Getty Images, p. 34.

Sojourner Truth, c. 1879, Randall Studio. Foto: Alpha Historica/Alamy, p. 37.

Jacqui Oatley recebendo um diploma honorário, 2016. Foto: Express & Star, Wolverhampton, p. 43.

Edward Burne-Jones, *Filomela*. Xilogravura em papel-bíblia. Prova de ilustração feita para “The Legend of Goode Wimmen”, 1896, de Kelmscott Chaucer, p. 441, Foto: The British Museum Online Collection/ Wikimedia, p. 52.

Fúlvia com a cabeça de Cícero, quadro a óleo de Pavel Svedomsky, c. 1880, exposto no Pereslavl-Zalessky History and Art Museum. Foto: Wikimedia Commons, p. 54.

Capa de *Herland*, de Charlotte Perkins Gilman, originalmente publicado em 1915 pela revista *The Forerunner* e em livro, nos Estados Unidos, por Pantheon Books, abril 1979, p. 59.

A chanceler alemã Angela Merkel e a ex-secretária de Estado Hillary Clinton na Chancelaria em Berlim, Alemanha, 9 de novembro de 2009. Foto: Action Press/REX/Shutterstock, p. 62.

Óleo sobre tela de Frederick Leighton, *Clitemnestra, nas muralhas de Argos, aguarda os sinais luminosos que devem anunciar a volta de Agamenon*, c. 1874. Foto: Leighton House Museum, Kensington & Chelsea, Londres, Reino Unido/Bridgeman Images, p. 68.

Terracota; vaso clássico, vermelho sobre fundo branco, que representa o combate entre gregos e amazonas, c. 420 a.C. Foto: Rogers Fund, 1931/ Metropolitan Museum, NY, p. 70.

Ânfora com figura, em preto, c. século vi a.C., que representa Aquiles matando Pentésiléia. Foto: The British Museum, p. 71.

Cartaz para produção teatral de *Lisístrata*, desenhado por e reproduzido com a permissão de Katie Metz, p. 73.

Cena da produção teatral de *Lisístrata*, Long Beach Playhouse, Califórnia, 2016. Foto Michael Hardy, p. 74.

Miniatura romana, cópia da estátua de Atena no Parthenon, exibida no Museu Arqueológico Nacional, Atenas. Foto: akg-images, p. 76.

Jarro de duas alças que representa o nascimento de Atena, c. 540 a.C. Foto: Henry Lillie Pierce Fund/Museum of Fine Arts, Boston/Bridgeman Images, p. 79.

Bronze de Benvenuto Cellini, *Perseu com a cabeça de Medusa* (1545-1554), localizado na Loggia Dei Lanzi da Piazza della Signoria em Florença, Itália. Foto: akg-images, p. 81.

Michelangelo Merisi da Caravaggio, *Medusa* (1597), em exposição no Palácio do Planalto, Distrito Federal, Brasil. Foto: Sérgio Lima/Folhapress. Dilma Rousseff como Medusa, p.83.

(alto) Michelangelo Merisi da Caravaggio, *Medusa* (1597), em exposição na Galeria Uffizi, Florença, Itália. Foto: Wikimedia. (centro) Angela Merkel como Medusa. (embaixo) Hillary Clinton como Medusa. Os dois últimos são memes da internet, p. 85.

Perseu com a cabeça de Medusa, de Cellini, revisto, que retrata, respectivamente, Donald Trump e Hillary Clinton. Foto: meme da internet, p. 86.

“Bolsada”, de Gerald Scarfe, que representa Margaret Thatcher acabando com Kenneth Baker, MP © Gerald Scarfe, sob

permissão, p. 88.

Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi, fundadoras do movimento Black Lives Matter, recebem o prêmio Glamour Women of the Year 2016, Los Angeles, Califórnia. Foto Frederick M. Brown/ Getty Images, p. 95.

Capa de *With Her in Ourland*, continuação de *Herland*, de Charlotte Perkins Gilman, originalmente publicado em capítulos mensais na revista *The Forerunner*, em 1916. Republicado por Greenwood Books, EUA, 1997, p. 97.

Embora todos os esforços tenham sido feitos para entrar em contato com os detentores dos direitos das ilustrações, a autora e os editores agradeceriam eventuais informações relacionadas a qualquer ilustração que não conseguiram rastrear e de bom grado farão correções em edições futuras.

ÍNDICE REMISSIVO

Verbetes em *itálico* referem-se a ilustrações

Abbott, Diane 100, 101, 102

Afrânia 23

Amazonas 69, 70, 75, 109

Pentesileia 71

Antígona 66

Aquiles 71, 81

Aristófanes 20, 21, 106

Lisístrata 69, 70, 71, 72, 73, 72, 96 109

Aristóteles 32, 106

Atena 72, 75, 76, 77, 78, 79, 117

Baker, Kenneth 88

Boccaccio, Giovanni 30

Burne-Jones, Edward Coley

Filomena (Filomela) 52

Caravaggio, Michelangelo

Merisi da 78, 79, 80, 82, 83, 85

Cellini, Benvenuto 80, 81, 82

Cícero, Marco Túlio 32, 51, 54, 108

Clinton, Hillary 35, 62, 63, 82, 84, 85, 86, 102

Clitemnestra 66, 67, 68, 89, 109,

Crisóstomo, Dião 29, 106

Cullors, Patrisse 95

Dick, Cressida 65

Eco 21, 24, 106

Elizabeth i 33, 34, 35, 48, 63, 107

Ésquilo

Agamenon 67, 109

Filomela 25, 27, 39, 50, 52, 53, 106

Freud, Sigmund 78

Fúlvia 51, 54, 108

Garza, Alicia 95

Google 40, 61

Greer, Germaine 72, 109

@Headlessfemalepig 47

Homero

Odisseia 15, 16, 103, 106

Penélope 15, 16, 17, 18, 53, 103, 106

Telêmaco 15, 16, 17, 18, 20, 28, 36, 53, 103

Hortênsia 25, 30

Io 21, 22, 38, 106

James, Henry

Os bostonianos 38

Johnson, Boris 100, 101, 102

Júlio Cesar 51

Juno 22

Júpiter 21, 22

Leighton, Frederic 68

Lucrecia 23, 25, 26, 106

May, Theresa 80, 87, 99

McCarthy, Melissa 63

Mécia 23, 32, 48

Medeia 66

Medusa 76, 77, 78, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 96, 109

Merkel, Angela 62, 63, 80, 83, 85

Narciso 21

Oatley, Jacqui 41, 43

Obama, Barack 32, 82, 99

Ovídio

Metamorfoses 21, 50, 106, 109

Pankhurst, Emmeline 35, Perkins Gilman, Charlotte

Herland 57, 58, 67, 96, 98

With Her in Ourland 96, 97

Perseu 78, 80, 81, 82, 84, 86, 93

Poseidon 77, 78

Professora Holly 61

Punch 18, 44

Rousseff, Dilma 80, 82, 83

Sanders, Bernie 36, 38

Scott King, Coretta 36

Sexto Tarquínio 26

Shakespeare, William

Tito Andrônico 25, 50

Lavínia 25, 50

Spicer, Sean 63

“Srta. Triggs” 18, 19, 44, 48, 49, 53

Svedomsky, Pavel

Fúlvia com a cabeça de Cícero 54

Ulisses 15

Teniers, David

Io, transformada em vaca, é

entregue a Juno por Júpiter 22

Thatcher, Margaret ix, 9, 49, 87, 88, 89, 96

Tometi, Opal 95

Trump, Donald 32, 63, 82, 84, 86, 93

Truth, Sojourner 35, 36, 37, 107

Twitter 18, 44, 45, 46, 47, 94, 100

Versace 96

Warren, Elizabeth 36

Waterhouse, John 21,

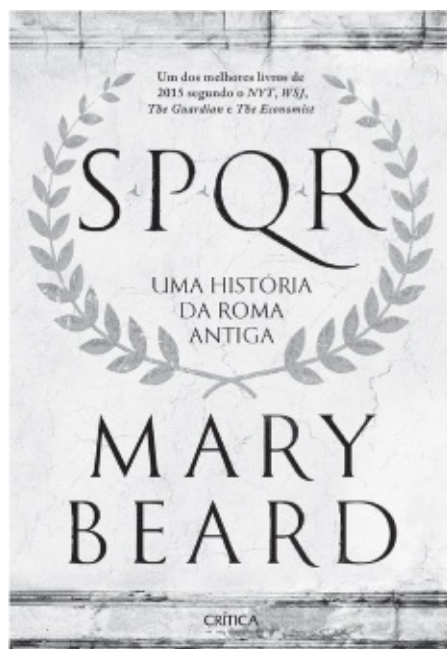
William, Eco e Narciso 24

Zeus 75, 77, 79

SOBRE A AUTORA

A inglesa Mary Beard é professora de Clássicos na Universidade de Cambridge. Vem estudando a história de Roma há mais de 30 anos e já publicou vários livros, mas SPQR é considerada a sua obra-prima. É editora de clássicos do suplemento literário do jornal The Times. Produziu e apresentou inúmeros documentários sobre Roma na BBC.

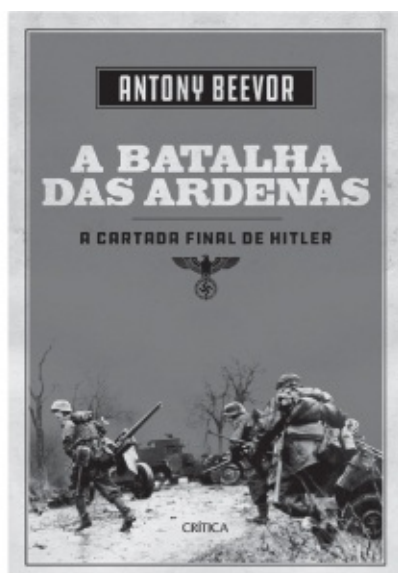
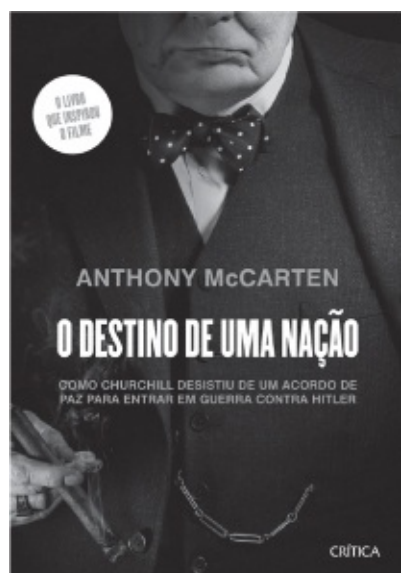
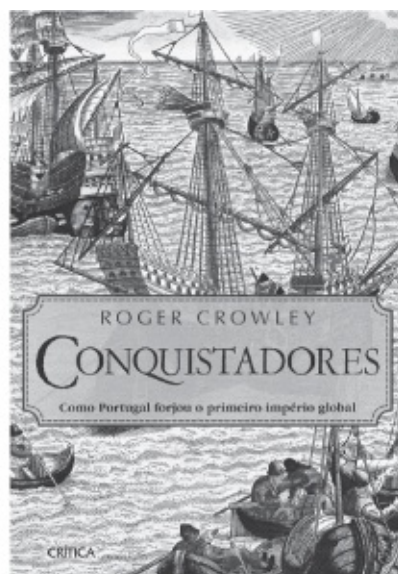
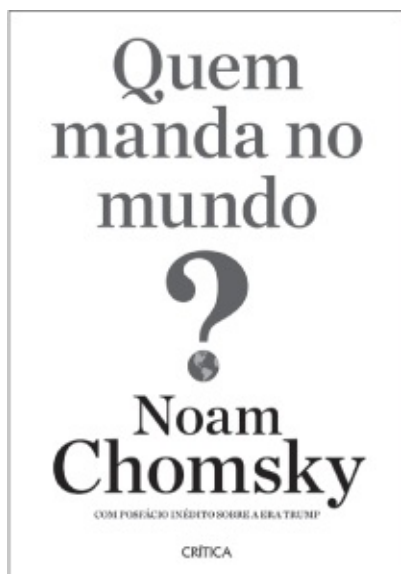
Leia também:



Cobrindo mil anos da história romana, *SPQR* revela em detalhes como Roma cresceu de uma vila insignificante na Itália Central para se tornar a primeira potência global. A inglesa Mary Beard, professora de Cambridge e autora de vários best-sellers, vive há mais de 30 anos pesquisando o Império Romano. A partir de inúmeras leituras, estudos de arqueologia e de documentos escritos em pedras e papiros, ela faz uma análise eloquente dessa história e mostra o que os romanos pensavam sobre si mesmos e suas realizações. *SPQR* é a abreviação que os próprios romanos adotaram para o seu Estado: “*Senatus PopulusQue Romanus*”, ou “O Senado e o Povo de Roma”. Neste livro, Beard detalha como foram formadas a identidade e a cidadania romanas e mostra por que essa cultura ainda influencia o mundo

no século XXI. Com cerca de 100 ilustrações e inúmeros mapas, *SPQR* ficou mais de um ano em listas de best-sellers nos Estados Unidos e na Europa.

Outros títulos do selo Crítica:



1. Referência à residência oficial dos(as) primeiros(as)-ministros(as) da Inglaterra, no número 10 da Downing Street. (N.T.)

2. Título cuja tradução literal seria *A terra dela*. (N.T.) 3. No original, *bluestocking*, expressão pejorativa que literalmente se traduz por meias azuis, mas cujo significado é “sabichona” ou “intelectual pedante”. (N.T.) 4. O partido conservador britânico. (N.T.) 5. Junção das palavras *man* (“homem”) e *explaining* (“explicar”), o termo *mansplaning* define a situação em que um homem explica algo óbvio a uma mulher, de forma didática, desmerecendo sua capacidade de compreensão ou seu conhecimento sobre o assunto. (N.T.) 6. Vidas Negras Importam. (N.T.) 7. Nossa terra. (N.T.) 8. “Com ela em nossa terra.” (N.T.)

9. Provocadores que deliberadamente postam mensagens nas redes sociais com a intenção de causar discussão ou polêmica. (N.T.)

Uma das mais respeitadas e conhecidas historiadoras contemporâneas, Mary Beard escreve um verdadeiro manifesto feminista. Baseado em duas palestras proferidas por ela nos últimos anos, *Mulheres e poder* traça as origens da misoginia desde os tempos antigos e mostra que esse ódio continua tendo voz. A autora apresenta inúmeros exemplos de como as mulheres sempre foram proibidas de terem um papel de liderança na vida civil. De Medusa a Filomena (que teve a língua cortada) passando por Hillary Clinton, Angela Merkel e Dilma Rousseff, Mary Beard faz reflexões inclusive sobre a sua própria trajetória para discutir como o papel feminino precisa ser redefinido na estrutura de poder da sociedade atual. Mais um best-seller da autora de *SPQR*.

“Brilhante, enriquecedor. Explica o porquê do ódio contra as mulheres – em especial, aquelas que têm voz.”

The Guardian

**“Um fascinante e poderoso manifesto.
O livro é uma tacada de adrenalina no alvo.”**

The New York Times

“Com uma visão clara e um humor irônico, este informal manifesto feminista aponta um caminho claro para o futuro.”

The Financial Times

CRÍTICA

 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 PlanetadeLivrosBrasil

 planetadelivros.com.br

Um dos melhores livros de
2015 segundo o NYT, WSJ,
The Guardian e *The Economist*

SPQR

UMA HISTÓRIA
DA ROMA
ANTIGA

MARY
BEARD

CRÍTICA

SPQR - Uma História da Roma Antiga

Beard, Mary 9788542210149

473 páginas [Compre agora e leia](#)

Cobrando mil anos da história romana, SPQR revela em detalhes como Roma cresceu de uma vila insignificante na Itália Central para se tornar a primeira potência global. A inglesa Mary Beard, professora de Cambridge e autora de vários best-sellers, vive há mais de 30 anos pesquisando o Império Romano. A partir de inúmeras leituras, estudos de arqueologia e de documentos escritos em pedras e papiros, ela faz uma análise eloquente dessa história e mostra que os romanos pensavam sobre si mesmos e suas realizações. SPQR é a abreviação que os próprios romanos adotaram para o seu Estado: "Senatus Populus Que Romanus", ou "Senado e o Povo de Roma". Neste livro, Beard detalha como foi formada a identidade e a cidadania romana e mostra porque essa cultura ainda influencia o mundo no século XXI. Com mais de 100 ilustrações e inúmeros mapas, SPQR ficou mais de um ano em listas de best-sellers nos Estados Unidos e na Europa. "Mary Beard explica o que foi o império romano de maneira clara e precisa, com paixão e sem jargões técnicos. SPQR é uma história cruel, mas contada de uma forma maravilhosamente instigante". WALL STREET JOURNAL "Magistral. Um caso exemplar de história

popularizada, de leitura envolvente, mas sem simplificação excessiva, que oferece uma visão abrangente e também detalhes íntimos que dão vida ao passado distante".

ECONOMIST"Beard revela os segredos do sucesso da cidade de Roma com uma clareza resoluta e impiedosa que eu não vi igualada em nenhum outro lugar". e New York Times "Se contassem com Mary Beard a seu lado naquela época, os romanos ainda teriam seu império". DAILY MAIL

[Compre agora e leia](#)



Niall Ferguson

A ASCENSÃO DO DINHEIRO

A HISTÓRIA FINANCEIRA
DO MUNDO



A ascensão do dinheiro

Ferguson, Niall 9788542211207

410 páginas [Compre agora e leia](#)

O que é o dinheiro? O que os bancos fazem? Qual é a diferença entre uma ação e um título? Por que contratar e comprar um seguro de imóveis? E o que faz exatamente um fundo hedge? Considerado pela revista Time uma das cem pessoas mais influentes do mundo, o historiador Niall Ferguson traz um estudo brilhante da história financeira em A ascensão do dinheiro, e explica por que os aspectos financeiros só fazem sentido se soubermos sua origem. E ainda documenta como uma nova revolução financeira está impulsionando alguns dos maiores países do mundo, da pobreza abjeta à riqueza no espaço de uma única geração – uma transformação econômica sem precedentes na história humana.

[Compre agora e leia](#)

MIGUEL NICOLELIS
MADE IN
MACAIBA

A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DE UMA UTOPIA CIENTÍFICO-SOCIAL NO EX-IMPÉRIO DOS TAPUIAS

CRÍTICA

Made in Macaíba

Nicolelis, Miguel 9788542207194

238 páginas [Compre agora e leia](#)

Primeiro livro do Crítica, selo referência nas áreas de história e ciências. O livro Made in Macaíba – a história da criação de uma utopia científico-social no ex-império dos Tapuias é uma lição de vida e de empreendedorismo de quem continua acreditando no Brasil. Nicolelis não só construiu o Campus do Cérebro, que mudou o cenário de uma enorme comunidade carente, mas vem incentivando milhares de crianças a estudar, a acreditar que as oportunidades existem para todos. Inspirado no primeiro grande cientista brasileiro, Nicolelis quer abrir caminho para que apareçam outros Santos Dumont país afora. Resgatando a história, ele conta neste livro como isso é possível.

[Compre agora e leia](#)

MARTIN
GILBERT



A HISTÓRIA DO SÉCULO XX

CRÍTICA

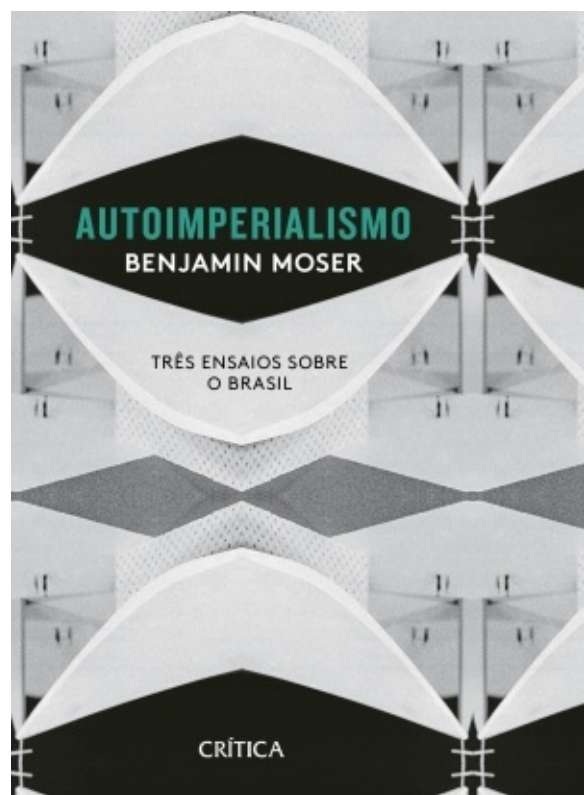
A História do Século XX

Gilbert, Martin 9788542209648

830 páginas [Compre agora e leia](#)

O livro de história definitivo para entender o nosso tempo. Ano a ano, Martin Gilbert narra os eventos mais importantes do mundo: desde o despontar da aviação até o florescimento da era tecnológica; da Primeira Guerra Mundial à posse de Franklin Roosevelt como presidente dos Estados Unidos e Hitler como chanceler da Alemanha; das guerras na África do Sul, China, Etiópia, Espanha, Coreia, Vietnã e Bósnia ao Apartheid, a corrida armamentista, a aterrissagem na lua e a alvorada da era computacional. Gilbert vai da Revolução Húngara aos confrontos entre israelenses e palestinos; do colapso do comunismo no leste europeu à dissolução da União Soviética. Como sempre, Gilbert intermeia influências da arte, literatura, música e religião assim como ressalta desastres tanto naturais quanto provocados pelo homem para melhor compreensão dos fatos. O resultado foi descrito como "fascinante" por Henry Kissinger.

[Compre agora e leia](#)



Autoimperialismo

, Benjamin Moser 9788542208078

61 páginas [Compre agora e leia](#)

Em três breves ensaios, o norte-americano Benjamin Moser demole a visão comumente difundida acerca da arquitetura moderna brasileira e as realizações que dela descendem. Para o autor, que, na qualidade de biógrafo e tradutor de Clarice Lispector, conviveu longamente com a cultura do Brasil, a construção do país se rege por um conceito que ele denomina "autoimperialismo", título que dá ao primeiro ensaio deste livro. Desde as bandeiras e seus perpetradores --tema que orienta o texto A Pornografia dos Bandeirantes-- o Brasil tem se dedicado a conquistar-se a si mesmo, de maneira tão predatória quanto a que adotaria um invasor estrangeiro. Em termos urbanísticos, a atitude se manifesta em momentos como a construção da avenida Rio Branco, que arrasou boa parte do Rio antigo nas reformas do prefeito Pereira Passos, se repete no loteamento descuidado e regido pelo capital das grandes cidades como São Paulo e chega ao ápice na construção de Brasília. A visão desolada que Moser dedica à capital do Brasil, que projetou no mundo a arquitetura de Oscar Niemeyer, é o tema Cemitério da Esperança, ensaio de abertura do livro. No texto, o ensaísta analisa os aspectos autoritários por trás dos monumentos brasilienses, lançando

um olhar crítico raramente destinado às realizações daquele que se tornaria algo como o arquiteto oficial do país.

[Compre agora e leia](#)